

ALINE DE CAMARGO LIMA



O PROGRAMA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE NO PROJETO GRALHA AZUL

CURITIBA

2007

ALINE DE CAMARGO LIMA

O PROGRAMA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE NO PROJETO GRALHA AZUL

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de licenciado em Educação Física, no Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Profº. Dr. Sérgio Luiz Carlos dos Santos

CURITIBA

2007

TERMO DE APROVAÇÃO

ALINE DE CAMARGO LIMA

O PROGRAMA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE NO PROJETO GRALHA AZUL

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação Física, Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Carlos dos Santos
Departamento de Educação Física, UFPR

Profª Ms. Letícia Godoy
Departamento de Educação Física, UFPR

Profª. Drª. Maria Regina F. da Costa
Departamento Ciências Sociais, UFPR

Curitiba, 26 de Novembro de 2007

***“No hay espejo que mejor refleje la
imagen del hombre que sus palabras”.***

**Juan Luis Vives (1492-1540) humanista y
filósofo español.**

Dedido primeiramente a Deus e aos meus pais, pois sem eles eu não teria chegado até aqui.

Também ao meu orientador que sempre me deu forças e me oportunizou uma experiência única como acadêmica, e principalmente por ter me ensinado que os sonhos podem ser concretizados.

Agradeço aos meus pais, meu orientador e ao meu namorado por terem me dado apoio e compreensão nesse momento. E também aos educandos do Projeto Gralha Azul que me despertaram a curiosidade para estudar esse assunto.

SUMÁRIO

RESUMO.....	VIII
1. INTRODUÇÃO	9
1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA	9
1.2 JUSTIFICATIVA	11
1.3 OBJETIVOS	11
2. REVISÃO DE LITERATURA	12
2.1 SITUAÇÃO DA INFÂNCIA.....	12
2.2 CRIANÇAS EM RISCO SOCIAL.....	13
2.2.1 CONCEITOS DE EXCLUSÃO SOCIAL.....	13
2.2.2 EXCLUSÃO SOCIAL NO BRASIL – UM BREVE RESUMO HISTÓRICO.....	15
2.2.3 MODELO DE POLÍTICA ECONÔMICA E EXCLUSÃO SOCIAL ATUAL.....	18
2.3 PROGRAMA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE	28
2.4 PROJETO GRALHA AZUL – PGA 2007	55
1. INTRODUÇÃO	55
2. JUSTIFICATIVA	56
3. OBJETIVOS	57
3.1. OBJETIVO GERAL.....	57
3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	57
4. CIRCUITO PEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE	58
4.1. ATIVIDADES A SEREM TRABALHADAS NO CIRCUITO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE:.....	59
5. NUMERO E FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS ATENDIDOS: FAIXAS ETÁRIAS DOS ATENDIDOS	60
6. DISTRIBUIÇÃO DOS EDUCANDOS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PROJETO	60
7. RECURSOS HUMANOS.....	61
QUADRO 7.1. FORMAÇÃO DA EQUIPE	61
QUADRO 7.2. EQUIPE DE COORDENAÇÃO E CARGA HORÁRIA SEMANAL....	61
8. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO	62
NÚCLEOS DE ATENDIMENTO E HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO (QUADRO 8.1).....	62
GRADE SEMANAL DE ATIVIDADES POR NÚMERO DE HORAS (QUADRO 8.2.).	62
9. PLANO DE TRABALHO	62
9.1 ATIVIDADES PREVISTAS PARA O PERÍODO DE MARÇO/2007 A FEVEREIRO DE 2008.....	63
3. METODOLOGIA	80
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	83
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

RESUMO

Este estudo tem como finalidade analisar o Programa Educação pelo Esporte (PEE), que foi elaborado pela aliança do Instituto Ayrton Senna (IAS) com a Audi em parceria com algumas universidades brasileiras, no Projeto Galha Azul (PGA) que acontece na Universidade Federal do Paraná na cidade de Curitiba, que atende crianças em situação de risco social da região do Cajuru. A pesquisa é qualitativa com estudo de caso. A pesquisa nos situa sobre a importância da primeira infância na criação da identidade da criança, o papel fundamental dos pais. Encontramos vários conceitos de criança em risco social, situamos a situação da infância hoje no Brasil e a construção disso que vemos hoje com nossas crianças. Foi analisado o plano de trabalho de 2007 do PGA, que foi elaborado e é coordenado pelo Professor Doutor Sérgio Luiz Carlos dos Santos e também minha experiência como educadora e coordenadora de área do projeto. Através desse encaminhamento relatamos os pontos positivos e negativos que o PGA tem em relação ao PEE. Para uma continuação do trabalho podemos agora encontrar as soluções para os problemas encontramos.

Palavras-chave: Programa Educação pelo Esporte, Projeto Galha Azul e Crianças em risco social.

1. INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

Vivemos um Brasil totalmente desigual, este reflexo aparece na educação, onde a má qualidade do ensino é notória, a falta de postos de trabalho deixam as famílias desestruturadas, a saúde pública, apesar da CPMF, está abandonada, a desigual distribuição de renda, enfim, a qualidade de vida de muitos milhões de brasileiros.

A educação de qualidade, a exemplo dos países evoluídos deveria ser a base para melhorarmos esta imensa desigualdade social, aumentando as oportunidades de qualificação para o mundo do trabalho e a participação democrática dessas pessoas na sociedade.

O esporte é considerado como um motivador para ações educacionais e é utilizado como mola geradora de conteúdos. Muitos projetos sociais, desenvolvidos atualmente no país, apresentam um forte embasamento nos conteúdos denominados Educação pelo Esporte. Estes conceitos associados com ações pedagógicas de formação do cidadão contribuem para que estes possam participar da sociedade civil como um cidadão emancipado e com visão crítica, onde ela necessita ser criticada.

O Programa Educação pelo Esporte (PEE) foi desenvolvido pelo Instituto Ayrton Senna (IAS) utilizando princípios estabelecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) através do paradigma do desenvolvimento humano para nortear todo seu trabalho: a vida é o mais básico e universal dos valores; nenhuma vida humana vale mais do que a outra; toda pessoa nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo; para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades; o que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas – das oportunidades que teve e das escolhas que fez; além de ter oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer as suas escolhas.

Os potenciais devem ser desenvolvidos por meio da educação, ou seja, uma educação capaz de promover quatro aprendizagens, conforme propõe a UNESCO – aprender a ser, aprender a conviver, aprender a conhecer, aprender a fazer – e transformar estes aprendizados em quatro competências na vida dos educandos – pessoal, relacional, produtiva e cognitiva. O esporte é utilizado como um importante instrumento, pois seus valores podem desenvolver a auto-estima, o autoconhecimento, o espírito de equipe, a cooperação, a solidariedade e muitos outros valores inerentes à prática sistematizada de esportes coletivos ou individuais. Portanto, na Educação pelo Esporte, o potencial do esporte não é utilizado como um fim em si (ganhar ou perder, despertar competitividade ou ver quem é o melhor), mas como um método educativo para desenvolver pessoas e conseqüentemente seus potenciais.

Essa metodologia é usada em projetos sociais com a finalidade de oportunizar às crianças de risco social o desenvolvimento de seus potenciais, levando em consideração que todas as pessoas têm potenciais e têm o direito de desenvolvê-los.

O Projeto Galha Azul (PGA) existe há quatro anos na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e desenvolve suas atividades com crianças em situação de risco social utilizando as dependências do Departamento de Educação Física (DEF) e as do Centro de Educação Física e Desportos (CED). Essas crianças são originárias das escolas públicas da região do Cajuru, bairro próximo à universidade, que recebem formação extraclasses baseadas nos pilares da UNESCO e nas tecnologias sociais do Instituto Ayrton Senna (PEE).

Nossa problemática será identificar, no Projeto Galha Azul, se o Programa Educação Pelo Esporte, que tem como metodologia desenvolver as competências necessárias para o melhor desempenho de seu participante na escola (melhor rendimento escolar e redução da evasão), na família (melhoria da sociabilidade) e no próprio PGA (convivência, melhoria da auto-estima e da iniciativa) para ampliar assim um entendimento, através da participação crítica aos problemas sociais que o mesmo vivenciou durante toda sua formação, e analisar a forma como está sendo aplicado, participando das discussões necessárias para encontrar soluções compatíveis a sua realidade social.

1.2 JUSTIFICATIVA

O trabalho preocupa-se em entender como o Programa Educação pelo Esporte, utilizado no Projeto Galha Azul, pode e vem sendo utilizado como instrumento pedagógico para preparar crianças e adolescentes à aumentar o elenco de soluções que sejam adequados a formação de suas vidas nos aspectos: pessoal, social e profissional. Como eu participei da coordenação pedagógica deste projeto, quero discutir e melhorar esta metodologia do PEE, que vem sendo trabalhada para assegurar o desenvolvimento humano dos participantes do PGA, a qual tem direito e que estão previstas na legislação do país, como por exemplo, o artigo 4 do Estatuto da Criança e do Adolescente.

1.3 OBJETIVOS

Verificar se as competências necessárias, segundo a UNESCO, para uma formação educacional de qualidade, fundamentais para a inclusão social dos participantes do Programa Educação pelo Esporte, são desenvolvidas no Projeto Galha Azul, na UFPR.

Caracterizar o que é criança em risco social.

Descrever o Programa Educação pelo Esporte, suas contribuições e limitações.

Verificar se a proposta do Programa Educação pelo Esporte é realmente coerente e efetivo na prática do Projeto Galha Azul.

Com base nos dados coletados através de pesquisa a ser realizada, auxiliar na elaboração de uma nova proposta de plano de trabalho a ser aplicada no ano de 2008, no Projeto Galha Azul.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 SITUAÇÃO DA INFÂNCIA

O nascimento de uma criança envolve dezenas de pessoas, a partir disso já podemos afirmar que da gestação ao parto da criança existe um acontecimento social. Sendo assim para o desenvolvimento adequado destas crianças é necessário proteger. O ato de cuidar não é uma tarefa apenas dos pais, mas sim de toda família, das pessoas da comunidade, dos educadores, dos médicos, dos formuladores e gestores de políticas públicas.

O desenvolvimento infantil tem como princípio o fato de que uma criança é protagonista de sua própria ampliação, ou seja, ela não é propriedade de alguém. Dentro deste conceito está o conjunto de ações para proteção e os cuidados para com as crianças em seus seis primeiros anos de vida: garantia do convívio familiar e comunitário de meninas e meninos, intervenções nas áreas de saúde, educação e assistência social. Tudo isso para garantir um bom começo de vida para a criança. (UNICEF, 2001)

Os primeiros seis anos de vida da criança devem ter conteúdos para respeitar suas características culturais, biológicas, sociais, familiares associadas com ações e políticas públicas dirigidas a meninas e meninos, que refletirão diretamente no seu desenvolvimento abarcando múltiplas dimensões de saúde, nutrição, educação, seus aspectos emocionais, cognitivos, sociais e intelectuais.

A família é o primeiro contato importante e desencadeante para a formação da criança. Ela é dependente nos seus primeiros anos da família. Para Oliveira e Camões (2003) a família é a primeira etapa de socialização da criança, é o contexto educativo onde aprende e sente as normas, valores sociais, culturais e valores emocionais. A família é a base de aprendizagem, que produzirá na criança um processo de desenvolvimento cognitivo, sensorial, motor e afetivo.

Segundo Saraceno (1998) a família é bastante importante na vida do indivíduo: a família é uma construção social, cultural e econômica da realidade. E como já vimos anteriormente, essas crianças e adolescentes não têm <<essa família>> para dar esse sustento.

Reconhecendo o quadro geral de crise, sobretudo, econômica de nosso país, percebemos que as crianças e adolescentes que participam do deste programa sofrem os mesmo impactos sociais que vêm sofrendo a infância e a juventude brasileira. Ou seja, vivem em condições peculiares de desenvolvimento físico, psíquico e social, que subsistem em situação de privação em relação a bens e serviços, tais como, alimentação, educação, saúde, habitação transporte, cultura, esporte e lazer. Os principais efeitos que esta situação de privação provoca são: ingresso precoce no mundo do trabalho, relação de conflito com a escola, vivência de todo tipo de privação, proximidade de situações de risco social e pessoal, constituição mais precoce de família, além dos casos extremos como o das crianças e adolescentes em situação de rua, jovens infratores e a exploração sexual.

2.2 CRIANÇAS EM RISCO SOCIAL

2.2.1 Conceitos de Exclusão Social

Segundo diversos autores a exclusão social foi qualificada de diversas formas. A seguir apresentamos um quadro elucidativo, com vários autores e suas classificações para exclusão social:

Offe	1984	«Estado capitalista» fomenta exclusión social, apoyado por políticas económicas neoliberales.
Lenoir	1994	Excluidos son los enfermos mentales, prisioneros, incapacitados (menores) y mayores.
Rosanvallon	1995	Exclusión socioeconómica.
Demo	1995	Estado capitalista contribuyó para integración social, por medio del trabajo para la población activa. La exclusión adviene de la falta de empleo para todos, pues con el modelo neoliberal los puestos de trabajo disminuyeron.
Donzelot	1996	Políticas económicas neoliberales han reducido el estado de bien estar, contribuyendo para el aumento de la exclusión.
Paugan	1996	(...) desintegración de las familias debido a la pérdida de empleo de uno de sus cabezas, la degradación de la cohesión social es ocasionada por las políticas económicas neoliberales que conllevan a reducción de puestos de trabajo.
Schnapper	1996	(...) pérdida de la función laboral conlleva a la precariedad y a la exclusión. Correlación directa entre empleo e inclusión y desempleo y exclusión.
Castel	1996	Exclusión social es la falta de acceso al patrimonio y al trabajo metódico y la marginalización es la pérdida de raíces.
Habermas	1998	(...) poder económico pasó por encima de los gobiernos, de la ciudadanía y de la identidad nacional, dictando políticas totalitarias en estos gobiernos democráticos y privatizando el estado de bien estar.

Montagut	2000	Políticas sociales no pueden ser implementadas aisladamente. Es función del poder público, de gobiernos democráticos, vincular la acción social a políticas económicas para combatir la exclusión social.
Miranda y Ferriani	2001	La exclusión social es debida a la profunda desigualdad entre clases y porque las políticas sociales no son de acceso universal.
Ayuste, Flecha y otros	2003	(...) mano de obra sustituida por robots industriales, proporcionó la desaparición de un gran número de puestos de trabajo fomentando la exclusión.
Martinez Román	2003	Aborda que es necesario aumentar el auto estima y que los gobiernos democráticos deben propiciar servicios a los colectivos de los excluidos para que ellos alcancen su desarrollo personal, su calificación académica y profesional y consecuentemente la inclusión social.

2.2.2 Exclusão Social no Brasil – Um breve resumo histórico

Para entendermos o processo de crianças abandonadas ou excluídas no Brasil é necessário que façamos um breve recorrido no contexto histórico. Para entender a exclusão social atual, devemos analisar o modelo educacional que predominou nos primórdios do “descobrimento” do Brasil, quando da colonização portuguesa, coadjuvados pela «Companhia de Jesus». Jesuítas católicos portugueses e espanhóis, enviados pelo rei de Portugal, D. João III, para «colonizar» aos índios habitantes da colônia, para utilizá-los no trabalho escravo a favor dos colonizadores.

Del Priori (1991), em Dos Santos (2005), explicou a necessidade de esclarecer que os jesuítas foram os primeiros a construir modelos ideológicos sobre as crianças índias utilizando guias religiosas dos paradigmas europeus.

Utilizaram à imagem espiritualizada do menino Jesus para construir um modelo ideológico deste Jesus que mais tarde foi levado para a nova colônia em uma concepção jesuíta de educação. A Companhia de Jesus utilizava o modelo para conquistar a alma dos indígenas que a supunham virgem e desprovida de pecado, portanto, poderiam ser utilizados como mão de obra barata para a coroa portuguesa, a quem os jesuítas serviam.

Gambini (1988) sugeria que a conquista dos índios, sem resistência ao saque de suas riquezas pela metrópole se sucedeu em parte pela ação «educadora» infantil imposta às crianças indígenas brasileiras pelos jesuítas da Companhia de Jesus. Entendeu que conquistando os filhos conquistaram igualmente aos pais, daí a resistência e o entendimento da ação colonizadora nefasta passaria a ser entendida como amistosa.

Marcílio (1998) reforça esta idéia apontando as características «educativas» da Companhia de Jesus que, interessada no êxito da ação colonizadora, julgava ser fundamental a submissão dos habitantes da nova colônia ser conquistada, assim que, seria considerado como conteúdos educativos para os «miúdos»¹ o bom amor, que deveria ter como base os «princípios morais da igreja» fundamentados nos costumes da vida cristã.

Ainda se faz mister falar da época da colonização, sobre o tema da divisão da terra em «Capitanias Hereditárias», entre a aristocracia portuguesa que quis assistir a colonização e, por decreto real, passava de pais a filhos.

Del Priori (1991) relata que nas capitanias da «Bahía e Rio de Janeiro» havia mecanismos sociais ativados para recolher as crianças expostas, isto em meados do século XVII, atestando, segundo Laima Mesgravis em Del Priori (1991) a importância destes centros urbanos. A capitania de «Minas Gerais» foi considerada uma das mais civilizadas, porque era rica em ouro e pedras preciosas, mas assim mesmo viveu uma situação confusa com relação ao abandono de crianças.

¹ Palavra em Português coloquial que significa criança.

Del Priori (1991) descreveu que entre os anos de 1751 a 1779 houve várias referências sobre crianças abandonadas na cidade de Mariana, na capitania de Minas Gerais. Meneses em Del Priori (1991) também corroborou com o autor afirmando que as irmandades religiosas assumiram os cuidados com estas crianças abandonadas, conforme citado no «Estatuto da Irmandade de Santa Ana de Vila Rica».

Silva (1981) reforça a participação do poder público na colônia Brasil, relacionado ao tratamento de crianças excluídas, era só de contratar serviços de amas de leite profissionais para amamentar aqueles excluídos e, isto estava regulamentando por normas públicas. As amas de leite profissionais dividiam suas tarefas com as Santas Casas de Misericórdias. Uma vez mais, encontrei na história que os excluídos sempre foram tratados com pouco interesse pelo poder público.

Também aludida a história de «Minas Gerais», Del Priori (1991) fez uma declaração sobre um exemplo ilustrador daquela realidade, acontecido na cidade de Vila Rica, na capitania de Minas Gerais: um dos maiores escultores do barroco brasileiro do período colonial, conhecido como «Aleijadinho», foi um destes rechaçados, abandonado junto à porta da casa do arquiteto Manuel Francisco Lisboa no dia 9 de abril de 1759. Pode-se constatar através da revisão bibliográfica que o problema da exclusão social é mais antigo que a própria história do Brasil, e por outro lado, ainda que se tenha tentado legislar para favorecer aqueles excluídos o que na realidade se conseguiu foi muito pouco para mudar este triste panorama, que perdura até hoje nas grandes cidades brasileiras.

Através deste breve estudo sobre a história da exclusão social no Brasil pudemos perceber que, há muito tempo que a humanidade não trata às crianças em situação de risco social com políticas sociais adequadas nem com a atenção que o problema demanda para ser resolvido ou pelo menos, tentar reduzi-la ao máximo. De uma forma real o problema está centrado na má distribuição de rendas que gera a exclusão social e o abandono da solução desta complexa problemática para algumas organizações não governamentais.

2.2.3 Modelo de política econômica e exclusão social atual

O sistema econômico preponderante nos governos democráticos desde a implementação do modelo neoliberal na década dos anos 70, contribuíram para um aumento desproporcional da exclusão e da perda da cidadania das crianças, tendo como causa principal o rompimento da instituição familiar, como confirmam Serra y Aguiar Serra (2003). A falta de trabalho de um das cabeças da família obriga às crianças a buscar nas ruas esmolas para ajudar na manutenção da família e até conseguir seu próprio sustento ou ainda viver nas ruas, porque seus lares foram desfeitos pelo abandono de um dos cônjuges. Assim que torná-se plausível considerar brevemente a história do neoliberalismo, que foi o grande desencadeador do aumento de um número significativo da exclusão no mundo e no Brasil. Para situar as políticas sociais atuais do Brasil é necessário uma análise retrospectiva da história da criação e desenvolvimento dos modelos políticos, econômicos e ideológicos; dos paradigmas que estruturaram o Estado - Nação, nos quais o Brasil espelhou-se para construir um modelo de governo e de democracia.

Os trabalhos iniciais eram baseados no artesanato como uma continuidade da produção doméstica, que gradualmente foram ampliadas e aperfeiçoadas, até transformar-se em grandes indústrias criadas pela nova burguesia, que emigrava do campo e constituía as cidades. O aumento da indústria produziu mudanças tanto em nível social como político que culminou com a «Revolução Industrial» no século XVIII, originariamente na Inglaterra, depois na França e demais países. Este novo processo de desenvolvimento econômico instituiu ao mesmo tempo, um modelo político que foi denominado «liberalismo».

Segundo a concepção de Bobbio (1996) era o estado que devia ter poderes e funções limitadas, e assim se contrapor por um lado o estado absoluto e por outro o estado social. O liberalismo foi iniciado pelos ingleses e proporcionou com o desenvolvimento industrial um contra ponto nas organizações predominantes na época: agrícolas e feudais. Com a promoção da classe média e dos operários, tal estrutura socioeconômica reforçou a visão coletiva do trabalho competitivo, entretanto, visando a superação do conflito pela colaboração em um esforço para o trabalho e para o direito enquanto valor

moral. Naquela época as políticas sociais se organizam em três âmbitos: «gastos en la defensa, en la justicia y en las obras e instituciones públicas», (Menezes, 1998:05). O modelo liberal, segundo o enfoque de Menezes (1998) tem como centro de seu estudo a redução do Estado Social, isto é, o gasto com obras e nas instituições públicas: educação, saúde, moradias, saneamento, apesar de sua utilidade não eram vantajosas para o estado. As classes sociais mais prejudicadas são as beneficiárias destes serviços, enquanto que para o capitalismo não tem valor uma vez que são vistas como desnecessárias e como mão de obra desqualificada.

O Brasil colônia foi subjugado indiretamente pelo poder inglês, que aprendia de Portugal os produtos emanados da colônia. Não houve um desenvolvimento das tecnologias com a revolução industrial, tendo o país ficado muito tempo na exploração de suas riquezas. Com isto a produção industrial brasileira, inexistia, éramos dependentes da Inglaterra. Ao longo do tempo esta dependência passou a ser dos Estados Unidos da América que conquistou sua industrialização e domínio da tecnologia pela parceria com os ingleses.

Na década de 30 o Brasil teve uma produção legislativa significativa, com aumento das políticas para o trabalho, para a saúde e para a educação.

Porém com a “contra revolução” que levou a instauração da ditadura militar (1964) houve um retrocesso aos padrões de exclusão e ao conservadorismo nas políticas econômicas, centralização em nível federal para as decisões políticas e para os financiamentos.

Com esta centralização, os processos de decisão foram restringidos e a participação social e política e reprimidas. Levou-se muito mais em conta a desintegração dos movimentos políticos organizados, as políticas econômicas sociais foram burocratizadas e houve a coesão da estrutura administrativa fomentou a desigualdade e a incapacidade pela falta de fundos específicos para programas sociais.

As políticas sociais foram substituídas por mero assistencialismo, sem programas de desenvolvimento e erradicação da pobreza, o que de certa forma persiste até hoje. Houve uma lógica da acumulação de riquezas e não da

distribuição da mesma. Com tudo isto, surgiu um padrão brasileiro de “welfare state” deformado, do tipo corporativista. Foi com a Constituição de 1988 que mudou um pouco o tema do modelo corporativo para um modelo institucional distributivo, que tem como princípios básicos a ampliação e a melhora dos direitos sociais.

A Constituição de 1988 concretizou este modelo social a partir da Previdência social, como, segundo (Martins, 1997:07): «un conjunto integrado por iniciativas por los poderes públicos de la sociedad, destinados a asegurar los derechos relativos hacia la salud, la previdencia y la asistencia». Ademais, propos «ofrecer una renta mínima, pero no en dinero, sino en un conjunto de beneficios sociales, que abarcan: vivienda, alimentación y prestación de servicios en salud y educación» (Sposati, 1997:18).

Do ponto de vista de Sposati (1997:21) a formação e a execução da política social brasileira não foi examinada por uma ótica de análise do «welfare state», o seja: «por la idea globalizada de derechos sociales, fundamentados en un modelo de formación capitalista subdesarrollado, periférica, de disposiciones excluyentes, autoritarias y en una sociedad civil heterogénea, en su composición y débil en su organización». Sposati (1997:21) também afirmou que: «no todo patrón de protección social y su institucionalización significa la existencia de un «welfare state» en cuanto a tal. Para definir la naturaleza del Estado de bien estar social se ha de evidenciar una concepción de ciudadanía universal e igualitaria».

Estas premisas de cidadania universal e equivalente, não se adaptam aos padrões brasileiros, porém, assumimos como principio a busca eterna e permanente da cidadania plena, ou seja, «la ciudadanía social donde los principios son de justicia y la igualdad de derechos se orienta hacia una distribución de bienes y servicios, asegurando el mínimo a todos los ciudadanos» (Martins, 1997:07).

No Brasil, a cidadania plena, como cita Benevides (1994) aponta que os direitos são entendidos, não como leis justificadas para todos cidadãos livres e iguais perante a lei, e sim como favores para privilegiados e protegidos. Eles deixam de ser direitos adquiridos para ser opções dos direitos. Portanto, não é

reconhecido neste país, o direito dos homens e das mulheres como soberania, baseada nos princípios da liberdade e igualdade. Facilidades, permissividades, como alternativas aos direitos que configuram a cidadania passiva, excludente e preponderante nas sociedades totalitárias e antidemocráticas. Segundo Benevides, (1994) jamais passamos por transformações sociais (indubitavelmente democráticas) que objetivassem a cidadania. Não foi transformado, no sentido democrático, o acesso à justiça, a segurança, a saúde e a educação, como já foi elucidado anteriormente. A partir do liberalismo transformado no neoliberalismo, na década dos anos 90, no Brasil o governo de Fernando Henrique Cardoso teve como premissa um recrudescimento da crise social e até a destruição completa das identidades nacionais, abrindo caminho à barbárie, como cita Gomes (1995).

O neoliberalismo emergido das teorias econômicas propostas nas universidades, para chegar a prática governamental e se fortaleceu no panorama mundial com as vitórias a finais dos anos 70 e início dos 80, por exemplo, de Thatcher - 1979, na Inglaterra; de Reagan - 1980, nos Estados Unidos; e de Kohl - 1982, na Alemanha; ocasionando uma verdadeira onda mundial de conservadorismo. Estes governos adaptaram e puseram em prática as idéias neoliberais, até então restringidas às universidades. As políticas implementadas estavam baseadas na não regulamentação, e na privatização e na abertura comercial de qualquer maneira. Está consagrada vitória neoliberal acontecida nos países líderes do G-7, culminou nos finais da década dos anos 80 com a crise das sociedades socialistas da Europa do Leste, onde a queda do muro de Berlim, em 1989, foi explorada pelos neoliberais, se convertendo em um ícone contra o «comunismo».

Entre os países Ibero-americanos, Brasil foi o último em adaptar o receituário neoliberal, no princípio dos anos 90. De fato, o país, devido a sua significativa dívida externa, capitulou e se sujeitou às políticas de liberais financeiras, comerciais e de não regulamentação do câmbio, sempre com o objetivo de atrair os recursos externos. Assim, sua inserção no novo quadro financeiro se deu de forma subordinada. Aqui caberia uma observação relevante: no período do pós-guerra, Brasil submergia em uma conjuntura muito marcada pela influência da doutrina da política externa norte-americana,

no sentido de combate ao comunismo. Este caráter de forte acento político-ideológico incluía, por outro lado, o aspecto econômico, social e cultural resultantes desta aproximação com os USA, isto causou o alinhamento automático do Brasil com os Estados Unidos.

Serra y Aguiar Serra (2003) também aponta que na formação histórica brasileira, considerando particularmente o período republicano, existe uma coincidência extremadamente singular, no sentido de que sempre o desenvolvimento e a exclusão social caminharam lado a lado. Este processo se deu, fundamentalmente, a partir de 1945, período da «redemocratização» do Brasil e também marcado pela Guerra - Fria.

Exceto no período do governo do presidente Getúlio Vargas (1950 - 1954), cuja peculiaridade foi a tentativa de fortalecer o desenvolvimento nacional, criando empresas estritamente nacionais, como por exemplo, a «Petrobrás» e a «Siderúrgica Nacional». Observou-se que desde o ano 1955 até o golpe militar de 1964, erroneamente conhecido como «revolução brasileira», houve uma importante aproximação com o capital estrangeiro e o desenvolvimento industrial brasileiro se configurou totalmente dependente de um modelo internacional (americano), como se deu fortemente com a indústria automotiva.

Temos que referendar o breve governo socialista, do presidente João Goulart, como uma exceção, que em 31 de março de 1964, foi destituído por um golpe militar: «O presidente da República, João Goulart, é deposto pelo golpe militar» (Folha de São Paulo, 2004). João Goulart foi o último presidente civil brasileiro, que se aproximou da ex União Soviética: «O Brasil restabelece relações diplomáticas com a UNIÃO SOVIÉTICA» (Folha de São Paulo, 2004), este fato atemorizou aos americanos, que «combatiam o comunismo» mundial. Assim que, os USA, através da CIA, intercederam no Brasil e em outros países Latino-americanos, fomentado golpes militares que depuseram o presidente socialista brasileiro. Este presidente realmente estava realizando políticas orientadas para o socialismo, com liberdade multipartidária e com ações legais para a distribuição de riquezas:

- «Jango sanciona lei do 13º salário no mesmo dia em que acontece greve nacional com saldo de 700 feridos e 42 mortos no Rio de Janeiro»

- «Criado o Ministério do Planejamento. O comunista Celso Furtado assume o posto de ministro.»
- «É fundado o IEB (Instituto de Estudos Brasileiros), na USP, pelo professor socialista Sérgio Buarque de Holanda».
- «Presidente Goulart promulga o Estatuto do Trabalhador Rural».
- «João Goulart anuncia em comício, na Central do Brasil no Rio, a necessidade das reformas de base».
- «O PCB (Partido Comunista do Brasil) é reorganizado sob a sigla PC do B. A dissidência continua sob o título de PCB, porém como Partido Comunista Brasileiro» (Folha de São Paulo, 2004).

Para compreender melhor a relação existente entre o desenvolvimento e exclusão na década dos 80 e 90 no Brasil, cabe grifar que, historicamente, na sociedade brasileira, com exceção de breves e esporádicos momentos, as políticas de desenvolvimento adaptadas implicaram em uma enorme dependência do capital estrangeiro. A partir do ano de 1984, com o final da ditadura militar, e até o ano de 2002, se sucederam governos civis, o primeiro deles foi o de José Sarney (1985). De verdade, ele não foi eleito pelo sufrágio direto, e sim por um colégio eleitoral, aliado com os militares.

Passados os anos do governo Sarney que foram inócuos para a nação em todos os sentidos e principalmente no social, entretanto a real implementação do receituário neoliberal no Brasil, se intensificou no começo da década de 90, no governo do então presidente Fernando Collor.

As políticas econômicas neoliberais se consagraram hegemonicamente, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), em 1994. Em outras palavras, aquele governo adotou no Brasil a terapia liberal, que consistia nas seguintes medidas, entre outras: privatizar, abrir a economia, cortar o gasto público, reduzir o estado, acabar com o estado de bem estar, etc. Esta política econômica de modelo neoliberal provocou a privatização de varias empresas públicas que representavam um valor estratégico para a manutenção de uma sociedade civil mais igualitária. Estas empresas foram vendidas por preços irrisórios e o pior é que foram pagas com empréstimos vindos do próprio fundo público brasileiro (BNDS). O que se supôs um «excelente negocio» para que as compraram.

A globalização adotada por aquele governo brasileiro também foi convergido na redução do poder do estado, na imposição de uma competência desleal, e despediu milhares de trabalhadores das empresas trans-nacionais, o fechamento das pequenas fábricas e a implantação de grandes plantas industriais automatizadas. Este processo sempre contou com aporte de inumeráveis apoios governamentais: isenção de impostos por muitos anos, construção de infra-estruturas com dinheiro público. As implantações das novas indústrias ficaram abaixo das expectativas criadas sobre o tema de geração dos esperados postos de trabalho e, ainda pior, não houve a transferência de tecnologias, só se consolidou o envio dos lucros para as metrópoles, como vimos no histórico da exclusão social, quando Brasil foi colônia de Portugal. Isto foi um grave desacato ao povo brasileiro. A concentração de riquezas e a ação devastadora do capital agressivo e predatório acentuaram ainda mais o problema de desemprego. Não obstante, os brasileiros reagiram no último escrutínio nacional e elegeram um presidente trabalhador e socialista.

A implantação de políticas neoliberais se deu em onda nos países do terceiro mundo ou em vias de desenvolvimento. A consequência imediata deste fenômeno foi a crises das famílias (8596 famílias cadastradas na Fundação de Ação Social da Prefeitura Municipal de Curitiba, na Região do Cajuru, segundo a Coordenadora do FAS – Cajuru em 13/11/2007), por ter conduzido a um dos cônjuges, ao desemprego e com isto milhares de crianças se incorporaram a uma situação de risco social. Este feito não é novidade, como analisei na historia da exclusão social, porém se agravou com a adoção do modelo de políticas econômicas baseadas no modelo neoliberal.

Gregori (2000) elaborou uma primorosa investigação, onde nos mostra a perda da cidadania de crianças, que fazem das ruas sua fonte de vida, sua moradia e devem conviver com seus riscos. Com a intenção de ilustrar este fato, a autora (2000), nos colocou um exemplo expresso em uma frase dita por Julio, um adolescente de 17 anos filho de uma vendedora ambulante de sanduíches e de pai desconhecido: «Olha, nas ruas não há regras. A única regra é do tipo: cada um por sua conta». Estas crianças, de acordo com Gregori (2000), cheiram cola, vagam sem rumo, roubam, vendem drogas e se

drogam, são mendigos ou «príncipes» de uma vida desagregada, ficando fora da escola, onde deveriam estar.

A pergunta que nos incomoda é uma: quem é o culpado de tamanho descaso? A sociedade ou o modelo econômico neoliberal adotado pelos governos de vários países, que são os responsáveis a má distribuição de riquezas nos países subdesenvolvidos? A resposta não é fácil, e o problema persiste. Passam governos e as crianças seguem nas ruas, até morrerem violentamente ou de overdose de droga. A UNICEF confirma que 75% das mortes de jovens e adolescentes, entre 15 e até 19 anos, são de causas violentas. Corroboram afirmando que as áreas mais pobres e menos assistidas por recursos sociais públicos são as que apresentam os maiores índices de morte violenta destes jovens. Genoino (2002:01) afirma que: «Sem duvida, é verdade que a violência e a criminalidade não se reduzem somente a questão social, é um fato inquestionável que a pobreza fomenta o poder em ambos os casos», o autor também referenda que a falta de lazer ou de atividades recreativas, são fatores determinantes para esta exclusão.

Além do que foi dito anteriormente, também são fatores importantes a falta de assistência social para a infância, a falta de escolas e de ensino público de qualidade, a falta de acesso democratizado aos esportes, a falta de acesso a cultura, de trabalho aos pais e mães, de toda falta de oportunidades as quais os mais pobres estão expostos. Estes ditames indicam que os problemas devem ser atacados, com políticas efetivas, onde as políticas econômicas se unam às sociais e que disseminem a distribuição da riqueza, para que se possa oferecer um futuro às crianças e jovens em situação de risco social. Enquanto estas políticas sociais não se instalam de maneira definitiva, as crianças e jovens seguirão nas ruas, sem oportunidade de ter um presente digno e de talvez poder ter sonhos com um futuro. Não existe nenhuma garantia de que eles chegarão vivos para ver este dia.

A UNESCO em pesquisa de 2004 relatou que no Brasil existem 24 milhões de crianças e adolescentes vivendo na pobreza. São jovens de famílias com «renda per capita» de até meio salário mínimo, isto significa por volta R\$190,00. A violência é uma marca que permanecerá nesta geração de crianças e jovens e que contribui para a pobreza. Necessitamos interromper o

ciclo perverso da pobreza, miséria e violência, de nos comprometermos com a paz dia a dia. Assim que, juntos, poderemos transformar a cultura da violência em uma cultura da paz e da não violência, porém para isto, é imprescindível a participação de todos.

Assim, transmitiremos aos jovens e as futuras gerações, valores que possam inspirar-lhes a construir um mundo de dignidade e de harmonia, um mundo de justiça social, solidariedade, liberdade e prosperidade. A cultura da paz torna possível o desenvolvimento sustentável, a proteção do meio ambiente e o crescimento pessoal de cada ser humano. É de responsabilidade de cada um colocar em prática os valores, as atitudes e normas de conduta que inspirem uma cultura da paz. Todos podemos contribuir com este objetivo dentro de nossa família, do nosso bairro, de nossa cidade, de nossa região e de nosso país, promovendo a não violência, a tolerância, o diálogo, a reconciliação, a justiça e a solidariedade como atitudes cotidianas (UNESCO, 2004).

A seguir apresentamos o seguinte esquema, tentando obter uma melhor visualização da origem da exclusão social e de sua evolução, nos distintos períodos históricos da Europa e Brasil até chegar à situação atual.

ANTIGÜEDAD	EDAD MEDIA	BRASIL COLONIA	ACTUALIDAD
Tipo de Gobierno	Tipo de Gobierno	Tipo de Gobierno	Tipo de Gobierno
Monarquías: Influencia de filósofos.	Monarquías : Influencia Iglesia.	Monarquía y República: Iglesia, compañía Jesuita y cofradías.	Presidencialismo Influencia americana, sociedad civil, tercer sector.
Tipo de exclusión	Tipo de exclusión	Tipo de exclusión	Tipo de exclusión
Abandono por minusvalía o por pobreza familiar. Por motivos económicos y por superstición.	Hijos ilegítimos del bajo clero y de la nobleza, los herederos. Por motivos de falsa moral.	Colonización, motivos económicos. Huérfanos portugueses, indios y negros.	Por la política económica neoliberal. Básicamente de niños y niñas, hijos de personas en el desempleo.
Legislación vigente	Legislación vigente	Legislación vigente	Legislación vigente
«Código Hammurabi» y Decretos reales.	Decretos reales e Iglesia.	Senados Municipales, Sociedad civil organizada e Iglesia.	ECA, Constitución Federal, Estatuto de universidades públicas.

Esquema adaptado de Dos Santos (2005).

2.3 PROGRAMA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE

O Programa Educação pelo Esporte - Educação para o Desenvolvimento Humano - foi criado pelo Instituto Ayrton Senna que se aliou à empresa privada Audi pensando em promover oportunidades de educação para novas gerações a partir de um processo de aprendizagem que tem por objetivo encontrar soluções e tecnologias que sejam acessíveis e eficazes a todos que atuam junto às novas gerações.

Juntamente com as universidades parceiras, criou-se e sistematizou-se a tecnologia do PEE como um caminho de desenvolvimento do potencial de crianças e jovens brasileiros, pois reúne princípios e metodologias para transformar potenciais em competências cognitivas, produtivas, relacionais e pessoais. O Programa busca tornar crianças e jovens capazes de compreender sua realidade, para tentar realizar seus sonhos, e poder participar da sociedade como cidadãos, contribuindo com idéias e ações para possível transformação da própria vida e de suas comunidades. O PEE foi avaliado por pais, professores, educadores, especialistas e pelos próprios educandos e todos aprovaram a hipótese do IAS de que o esporte é mais do que uma ferramenta, constituindo-se como um método privilegiado que contribui de forma significativa para a educação integral das novas gerações.

O Instituto Ayrton Senna almeja que outras pessoas ou grupos, organizações governamentais ou não-governamentais, universidades, clubes esportivos, prefeituras e secretarias do governo se sintam estimulados a implementar programas educativos baseados no esporte afim de garantir, principalmente às crianças e adolescentes em situação de risco social e pessoal oportunidades de desenvolvimento humano, direitos estes, garantidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, e entre estes direitos encontramos a prática do esporte e direito ao lazer.

Desde o início de sua constituição, o IAS promoveu um trabalho com todos os setores da sociedade, começando com a Universidade de São Paulo (USP) em um programa precursor a detecção de talentos esportivos. A escolha de universidades como parceiras do Programa foi estratégica por seu papel de

relevância no cenário brasileiro, e devido à capacidade destas instituições em produzir e disseminar conhecimentos. A intersecção, entre o IAS e as universidades, se deu através da área de extensão universitária (interliga universidade e sociedade).

Sendo assim, a parceria universidade – IAS é fundamentada em três estratégias: implementar ações multi e interdisciplinares que envolvam professores e estudantes de várias áreas de conhecimento; utilizar os espaços e equipamentos esportivos das universidades; colocar ações, espaços e equipamentos ao alcance das comunidades de baixa renda que vivem próximas às universidades.

Em 1995 a USP passou a integrar o Programa com o Projeto Esporte Talento. Em 1996, mais cinco universidades foram selecionadas para integrar o Programa.

UNIVERSIDADES	PROJETOS
Universidade de São Paulo (USP)	Esporte Talento
Universidade de Pernambuco (UPE)	Santo Amaro
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Guanabara
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	Córrego Bandeira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, RS)	Escolinhas Integradas
Universidade Federal do Pará (UFPA)	Riacho Doce

Tabela segundo Educação pelo Esporte (2004:30)

Também em 1996, a Audi passa a patrocinar o Programa Educação pelo Esporte, do Instituto Ayrton Senna, possibilitando estendê-lo para mais regiões do Brasil. Após essa aliança, durante dois anos, foi realizado um trabalho interno de capacitação das equipes que dirigem os projetos parceiros,

experimentando na prática os conceitos e métodos pedagógicos formulados pelos projetos e pela equipe coordenadora do IAS.

Esse trabalho foi avaliado e sistematizado culminando na tecnologia social «educação pelo esporte». Por tecnologia social se entende o conjunto de conhecimentos, metodologias, modelos e materiais educacionais que propicia o desenvolvimento integral das novas gerações; uma tecnologia social deve oferecer soluções criativas e eficazes, ter facilidade de aplicação, custo acessível e capacidade de distribuição em escala, além de garantir resultados, estimular inovações e gerar impacto e transformações sociais.

Para ampliar as universidades parceiras, o IAS realizou um levantamento das que trabalhavam com o esporte em programas sociais ou as que tinham interesse no PEE. Trinta universidades participaram de encontros para formação, que incluía conhecer a metodologia e fazer um estágio em uma das seis universidades. Após isso elas apresentaram suas propostas de implementação da tecnologia em sua universidade. Ao final desse período, oito novas universidades foram incorporadas ao Programa, formando um grupo de quatorze parceiros.

Essas universidades que compõem o PEE e mantêm parceria com o IAS, apresentam anualmente propostas e planos de trabalho, que são submetidos à direção do Instituto; estes planos devem ser embasados, tanto em suas próprias missões institucionais, como nos princípios que norteiam a ação do IAS, assim como no paradigma da educação pelo esporte para o desenvolvimento humano.

UNIVERSIDADES	PROJETOS
Universidade de São Paulo (USP)	Esporte Talento
Universidade de Pernambuco (UPE)	Santo Amaro
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	Guanabara
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)	Córrego Bandeira
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos, RS)	Escolinhas Integradas
Universidade Federal do Maranhão (UFM)	Jovens com a Bola Toda
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	Nova Descoberta
Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT)	Kuratomoto Nossa Gente, Nosso Povo
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)	Alegria Vila São Luiz
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	Brinca Mane
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	Gralha Azul
Universidade Estadual de Londrina (UEL)	Perobal
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRS)	Quero-Quero

Tabela segundo Educação pelo Esporte (2004:36)

No Programa, o esporte é o articulador da ação educativa e sua prática é preponderante em relação às atividades de saúde, arte e apoio à escolarização. As atividades são interdisciplinares. Os projetos parceiros devem se complementar com uma ação educativa com os familiares, pais e

educadores, isto é, cada projeto deve planejar ações que envolvam a família, os professores e escolas em torno do desenvolvimento de seus filhos e alunos.

A coordenação de cada projeto é responsabilidade de um professor de Educação Física, que compõe uma equipe: estudantes-bolsistas das universidades (Educação Física, Artes, Biologia, Pedagogia, Psicologia, Medicina, Odontologia, Nutrição, Enfermagem etc.).

A coordenação geral do PEE é de responsabilidade do IAS, que investe recursos técnicos e financeiros nos projetos parceiros.

Embora as universidades organizem seus planos de trabalho de acordo com parâmetros conceituais, técnicos e gerenciais comuns indicados pelo IAS, cada um tem liberdade de definir a estrutura organizacional de acordo com as características e necessidades locais, pois devem levar em consideração as diferenças culturais e regionais. Contudo os planos não podem deixar de ser fundamentados no paradigma do desenvolvimento humano, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, e nos quatro pilares de desenvolvimento preconizados da UNESCO.

Desenvolvimento humano é uma proposta do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que busca integrar a produção econômica ao desenvolvimento das pessoas, da sociedade e do meio ambiente. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é o instrumento que mede o progresso na realização do desenvolvimento humano, completando o PIB, que, por sua vez, mede a riqueza e o rendimento. Para gerar desenvolvimento humano é necessário, portanto, investir num processo de maior amplitude.

O Instituto Ayrton Senna construiu a sua proposta de trabalho tendo o Paradigma do Desenvolvimento Humano como um de seus princípios fundamentais. Esse paradigma entende que todas as pessoas nascem com um potencial e que precisam de oportunidades para desenvolvê-lo.

Para o IAS, promover o desenvolvimento humano no país é responder ao duplo desafio de encontrar, por um lado, soluções para desenvolver os potenciais das novas gerações e, por outro, caminhos para ampliar essas soluções em escala, mesmo sendo uma organização não-governamental. A

partir daí o IAS adotou a educação como ferramenta para transformar potenciais em competências para a vida. A educação é fundamental para preparar as pessoas para viver plenamente as suas possibilidades, além de fortalecer as sociedades para superar a pobreza e a exclusão social.

Como já foi dito várias vezes, o desenvolvimento humano é a grande meta que orienta o PEE e todas as outras ações do IAS. A educação como instrumento estratégico foi também fundamentado nos quatro pilares da educação do relatório da UNESCO, que serve como mapa e bússola para orientar os educadores: aprender a ser – conjunto de competências pessoais; aprender a conviver – competências relacionais; aprender a fazer – competências produtivas; aprender a conhecer – competências cognitivas (Hassenpflug, 2004).

Depois disso o Instituto identificou os conjuntos de atitudes e habilidades que os educadores deveriam desenvolver na estruturação das oportunidades educativas a serem oferecidas às crianças e aos jovens dos diversos programas do IAS.

Relacionaram competências à capacidade do educando utilizar o que aprendeu neste processo para conduzir suas ações em âmbitos determinados da atividade humana: pessoal, interpessoal, social, produtivo, político, artístico, científico e cultural. As atitudes ao modo básico de como o educando se coloca frente às diversas situações, dimensões e circunstâncias concretas de sua vida. E por último as habilidades como domínio pelo educando do processo de realização dos atos necessários para o desenvolvimento de uma atividade, a consecução de uma tarefa ou o desempenho de um determinado papel nos campos pessoal, interpessoal, social, produtivo ou cognitivo.

Esses pilares constituem o fio condutor que orienta e dá unidade a todas as ações implementadas pelos projetos que compõem o Programa Educação pelo Esporte, permeando o seu dia-a-dia, as atividades programadas, seus princípios e sua metodologia. Aplicados ao cotidiano da educação pelo esporte, formam a base não só da relação educador-educando, mas das relações que se estabelecem entre educandos, entre educadores e destes com a metodologia e com as questões de gestão (Hassenpflug, 2004).

Em resumo, ao construir suas propostas educativas, a educação pelo esporte, faz da criança e do adolescente o centro de suas ações, seu ponto de partida e de chegada. Tendo o esporte como atividade central, e através dele contemplar os quatro pilares da educação. Com estas ferramentas associadas tornar-se-á possível transformar suas potencialidades e riquezas em competências e capacidades que agem sobre suas vidas e possam tentar modificar o mundo que os cerca.

Usando os quatro pilares da educação, o IAS, fez uma tradução para o Programa Educação pelo Esporte. Assim que «Aprender a conhecer» é composto por um grupo de competências cognitivas mínimas (leitura e escrita; cálculo e resolução de problemas; análise e interpretação de dados, fatos e situações; acesso a informação acumulada; interação crítica com os meios de comunicação) e um grupo de competências metacognitivas (aprender a aprender; aprender a ensinar; aprender a conhecer). Traduzindo isso para a área dos esportes, os jogos, por exemplo, permitem analisar e comparar situações, interpretações, organizar e compartilhar idéias. Assim o educando constrói conhecimentos a partir da própria experiência, aprendendo com os erros, acertos e dificuldades, e associando as vivências propiciadas pelo jogo com os fatos de vida fora das quadras. Também os jogos e demais atividades lúdicas, as atividades físicas permitem a aplicação de conhecimentos adquiridos de outras áreas do conhecimento, por exemplo, funções orgânicas, nutrição, respiração, calcular ângulos, calcular porcentagens de erros e acertos, compor figuras geométricas e assim por diante (Hassenpflug, 2004).

Também a história e evolução dos esportes permitem aos educandos contextualizar de forma crítica as relações entre estes e a dinâmica social, a conquista de direitos, as questões política e racial, a necessidade de regras etc.

O «Aprender a fazer» é composto por competências produtivas básicas (criatividade; aquisição, gestão e produção do conhecimento), assim como por competências específicas (especialização; polivalência; versatilidade) e ainda competências de gestão (autogestão; co-gestão; heterogestão). A ação educativa apoiada nos esportes é a habilidade de trabalhar em grupo e respeitar decisões; da capacidade de iniciativa e de resolução de conflitos; da

atitude solidária, cooperativa e democrática; da busca de solução para problemas; da autonomia em organizar as próprias atividades e da flexibilidade para mudá-las e aprimorá-las. Seguindo isso, o esporte também deve procurar conhecer as expectativas e sonhos de vida e de futuro que as crianças trazem consigo e oferecer informações para discutir o significado dessas opções de vida (formação, exigências, oportunidades, dificuldades e mercado de trabalho) (Hassenpflug, 2004).

«Aprender a conviver» atua em nível interpessoal (reconhecimento do outro; convívio com a diferença; interação; comunicação; afetividade e sexualidade; convívio em grupo) e à nível social (compromisso com o coletivo; compromisso com o ambiente; compromisso com a diversidade cultural). A convivência entre pessoas e grupos é intrínseca às atividades esportivas. Toda convivência se baseia em regras e combinados que se manifestam implícita ou explicitamente. Na educação pelo esporte para o desenvolvimento humano, contrariamente ao que ocorrem com o esporte de rendimento (o alto rendimento também contribui para o entendimento das regras sociais, que na maior parte das convenções são inflexíveis e passíveis de penalidades) as regras podem ser adaptadas e construídas coletivamente com a finalidade de adequá-las às condições de desempenho daquele grupo específico em um determinado momento. Essa construção conjunta se realiza por intermédio do diálogo e da capacidade de negociação do grupo. Outras competências específicas do esporte podem ser passadas para os educandos: culturas de paz, resolução de conflitos, desmistificação da vitória e desdramatização da derrota e também a consciência de direitos e deveres (Hassenpflug, 2004).

No «Aprender a ser», de acordo com a identidade e encontro consigo mesmo (auto-conhecimento; auto-estima; autoconfiança; auto-conceito; visão confiante do futuro) e com o projeto de vida (querer ser; auto-proposição: o projeto de vida; sentido de vida; autodeterminação; resiliência; auto-realização; plenitude) (Hassenpflug, 2004).

O jogo oferece a oportunidade de trabalhar com o erro como uma possibilidade natural e sempre presente no processo de aprender a jogar, o que pode ajudar a perder o medo de errar no jogo e na vida. O jogo ajuda a aprender que a derrota, a vitória, a alegria e a tristeza são aprendizados para a

vida ajudando-os para serem felizes e fazerem os outros felizes. Por tudo isso, aprender a ser encontra no esporte um aliado natural no caminho para o desenvolvimento de competências permanentes, que são fundamentais para que crianças e jovens possam construir sua identidade e o seu projeto de vida. A prática do esporte permite, ao mesmo tempo, avaliar o processo de desempenho, aperfeiçoá-lo no seu transcurso e desenvolver novas competências. Acima de tudo, permite o auto-conhecimento, ponto de partida para conhecer os outros e o mundo, (Hassenpflug, 2004).

Além de todas essas competências é fundamental oferecer aos educandos a oportunidade para desenvolver outras muito ligadas à atividade esportiva, que o PEE apontou como fundamentais: auto-cuidado, valorização da vida, auto-domínio, auto-disciplina e capacidade de fazer escolhas.

O Programa Educação pelo Esporte também auxilia com estratégias e princípios pedagógicos para orientar a ação educativa dos projetos parceiros, voltada para criar e proporcionar, de maneira intencional e planejada, situações de aprendizagem que promovam o desenvolvimento das potencialidades de todas as crianças e de todos os jovens, tendo o esporte como método pedagógico.

Os conceitos que inspiram e orientam as práticas pedagógicas do PEE foram tiradas das teorias interacionistas, elaboradas na primeira metade do século 20 pelos educadores Piaget, Vygotsky e Wallon. Os princípios iluminam o processo a seguir, as estratégias determinam os atributos ou características que cada um dos passos deve ter para chegar com firmeza ao destino: interdisciplinaridade; ação complementar entre educadores, familiares e comunidade; prática participativa; e interação entre educadores e educandos.

No Brasil, é aceito como legítimo o preceito constitucional de que a educação, o esporte, o lazer e a cultura são direitos de toda criança e de todo jovem, e não privilégios daqueles que se destacam por alguma habilidade especial. Esses direitos estão previstos na Constituição Brasileira, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e em uma série de documentos internacionais. O que é preciso fazer é cuidar para que haja coerência entre o

discurso e a prática, implementando estratégias para a validação de todos os direitos das crianças e dos adolescentes.

É importante pensar em critérios democráticos para o ingresso das crianças nos programas de educação pelo esporte, como a simples ordem de inscrição. Para afastar o fantasma da exclusão, pois ele pode continuar operando, mesmo após a vaga garantida, disfarçado sob a roupagem das rotinas diárias.

Prestar atenção permanente à forma como o esporte é praticado. É necessário pensar as estratégias educativas com a consciência de que por trás de cada decisão e de cada opção metodológica estão presentes, de forma implícita ou explícita, determinados conceitos de educação e de humanidade bem como os valores que devem nortear a vida em sociedade.

No PEE o respeito absoluto aos direitos das crianças e dos adolescentes e o princípio de inclusão de todos, independentemente de características físicas de diferentes níveis de desempenho ou de ritmos de aprendizagem, pois o Programa tem como objetivo formar cidadãos democráticos, que saibam compreender, aceitar e conviver com as diferenças, livres de preconceitos e defensores dos direitos estabelecidos para todos.

O esporte é tratado como método pedagógico, ou seja, como via privilegiada de acesso à educação e ao desenvolvimento das potencialidades humanas. Esse entendimento amplo e integrado vai além da visão simplista e reduzida do esporte como sinônimo de aprender a jogar, passando a considerá-lo em toda a sua força e valor educativo. Utilizar o esporte como método pedagógico é ensinar mais que esportes, num ambiente de cooperação, de participação e de solidariedade. Para tanto, é necessário ultrapassar o limite das atividades esportivas em si olhando o esporte como um fenômeno sociocultural, que, além de ser praticado, pode e deve ser investigado, criticado e reinventado (Hassenpflug, 2004).

Além de tudo isso o esporte passa a ser também uma fonte de motivação para que competências como leitura, escrita, cálculos matemáticos, acesso a informações, análise e crítica aos meios de comunicação, dentre tantas outras, sejam desenvolvidas em ações educativas integradas.

O esporte que é desenvolvido no Programa considera os jogos e as brincadeiras como necessidades básicas de toda criança e de todo jovem para que alcancem um desenvolvimento rico e harmonioso. Vistos como direitos de todos, a prática do esporte, o ato de brincar e o desenvolvimento são proporcionados por meio de adoção de estratégias que garantam a igualdade de oportunidades e a inclusão de cada criança e de cada jovem em todas as atividades. Sendo assim, jogos e brincadeiras são instrumentos pedagógicos preferenciais, por sua capacidade de gerar aprendizagens em um clima de alegria e descontração, em que o prazer de criar e ousar supera o medo de errar e em que a liberdade de escolha é favorecida e exercitada. Assim fica fácil desenvolver o gosto pela prática esportiva e lançar sementes para que ela seja incorporada à vida de cada um, como promotora de transformações pessoais e sociais.

O que distingue a educação pelo esporte para o desenvolvimento humano de outras propostas que unem o esporte e a educação é o tratamento pedagógico dado às práticas corporais e que potencializa o valor educativo intrínseco que elas têm por meio da ação seguida da reflexão sobre o que foi vivido.

O ponto de partida de qualquer atividade é sempre a criança do programa, com sua individualidade, seus interesses, seus sonhos, seus desejos, suas experiências, seu potencial e, acima de tudo, com sua vontade de progredir e de aprender mais e melhor tudo o que lhe faz sentido. A partir destas balizas, desenvolver um trabalho pedagógico para colocá-la em contato com desafios que a estimulem a avançar no seu desenvolvimento, sempre em busca de novos patamares de aprendizagem.

No Programa (PEE), crianças, jovens e educadores são considerados pessoas que modificam e são modificadas pelo esporte, sujeitos da ação educativa, e não meros praticantes nem executores de ordens ou reprodutores de regras, gestos e rituais esportivos, pois o esporte é um produto social, fruto de uma construção histórica erguida por muitas mãos e capaz de incorporar as contribuições que lhe são trazidas por aqueles que vivem seus princípios, sejam eles adultos ou crianças (Hassenpflug, 2004).

São consideradas áreas básicas de atividades: o esporte, o apoio à escolarização, a arte e a saúde. Além dessas, cada universidade tem a liberdade de incorporar outras áreas de atuação, de acordo com interesses, demandas e possibilidades próprias. A opção de inclusão de outras áreas busca enriquecer as vivências ofertadas às crianças e aos jovens e ampliar seus interesses por campos do conhecimento indispensáveis a sua formação integral. O esporte não deve ser considerado de forma isolada, mas nas inter-relações que mantém com cada área.

A integração entre as áreas deve ser efetivada por meio de projetos interdisciplinares definidos nas reuniões de planejamento geral e de cada área. Como em todo trabalho interdisciplinar, as áreas de atividades conservam sua identidade e autonomia para definir suas estratégias e propor projetos educativos. Mas não basta somente integrar os conteúdos, é preciso integrar as pessoas para que a interdisciplinaridade ocorra de fato.

A competição não deve ser vista como um fim em si mesma, mas como uma oportunidade de deflagrar diversas ações educativas que permitam aos educandos refletir sobre esse tema. Os educandos também devem incorporar as práticas corporais aos seus projetos de vida. É importante que percebam que o esporte, em si mesmo, pode ser educativo ou não – o que determina a sua qualidade é a maneira como for praticado e os valores que orientam essa prática.

Formar atletas não é o objetivo do PEE, talentos despontam naturalmente, e se for desejo dos jovens dedicarem-se a treinamentos específicos em qualquer modalidade, eles e suas famílias devem receber toda orientação por parte dos educadores quanto a possíveis encaminhamentos, o que pode também ser feito nos programas dependendo das vocações e equipamentos existentes, pois também não se pode desconsiderar a democratização do acesso a esportes, que geralmente não estão no campo de conhecimento ou financeiro dos participantes dos PEE.

Os jogos criados ou adaptados a partir de modalidades esportivas são as principais estratégias do Programa para a aprendizagem dos esportes e do desenvolvimento de competências. A idéia é valorizar a experiência que o

educando traz ou adquiriu ao participar das atividades, conscientizando-o sobre o que aprendeu ou o quanto ainda pode aprender.

Vários outros temas podem ser trabalhados na interdisciplinaridade como o trabalho com os jogos populares tradicionais, pois eles têm relação direta com a cultura local de cada projeto parceiro, e ao serem trazidos pelos educando ainda oferecem a possibilidade de resgatar a memória lúdica da comunidade. O ato de brincar e jogar livremente, por prazer, também provoca repercussões no desenvolvimento físico, mental e emocional das crianças e dos jovens. A ludicidade é uma necessidade interior do ser humano, sendo assim brincar é uma necessidade inerente ao desenvolvimento.

Ao brincar a criança constrói conhecimentos e se comunica com seu mundo interior, com os outros e com o universo que a rodeia, buscando compreender o seu funcionamento. Seus canais de comunicação são a linguagem e o movimento, e assim ela desenvolve a capacidade de comunicação, ampliando seu vocabulário, seu pensamento e suas habilidades motoras. Ainda permite a expressão de valores e de regras morais e culturais, trabalha a imaginação e a fantasia colocando-a em contato com a sua criatividade e senso crítico, além de proporcionar prazer e divertimento. As emoções como a alegria, a tristeza, o medo, a insegurança, a determinação, a ousadia e a frustração são experimentados (Hassenpflug, 2004).

É de extrema importância reservar espaços na rotina diária dos projetos educativos para que as crianças possam brincar livremente, uma vez que os adultos desvalorizam essa atitude considerando-as como <<perda de tempo>> (Hassenpflug, 2004).

As lutas também podem ser trabalhadas, pois propiciam conhecer a sua origem, seus princípios e técnicas, bem como o desenvolvimento de atitudes e de valores que contribuam para a formação integral do educando, como o respeito, a disciplina, o auto-controle, a concentração, a cooperação e a solidariedade, a segurança própria e do parceiro.

A área de apoio à escolarização é a que mais se aproxima dos conteúdos trabalhados pela escola, como a leitura, a escrita e a expressão oral, e também colabora no desenvolvimento de inúmeros outros temas propostos

por outras áreas. De acordo com os quatro pilares da educação, tem por finalidade ampliar as possibilidades de aprendizagem, consolidar conhecimentos, enriquecer experiências culturais e sociais do educando. A idéia dessa área é a de complementação da escola de forma criativa e solidária, tendo seu foco principal na interpretação de textos, pois o PEE entende que sem saber interpretar o que se lê, fazendo um julgamento crítico, como preconiza Paulo Freire, a educação nunca será libertadora.

A arte pode ter como objetivo a sensibilização e a criatividade, não transformar os educandos em artistas, mas sim em pessoas mais sensíveis e criativas nas esferas pessoal, social e produtiva, capazes de criar e de recriar a si mesmas e ao mundo, principalmente o seu mundo, que é vivido cotidianamente pelos participantes dos PEE e ninguém melhor do que estes protagonistas para entendê-lo e saber encontrar os caminhos necessários para sua mudança. Alegria, prazer em criar, e o caráter lúdico dão o tom predominante para as atividades de arte do PEE, que pode incluir artes visuais, dança, música e teatro.

A dança coloca os educandos em contato consigo mesmo, com o seu corpo, com suas possibilidades e limites, com seus sentimentos e com a sua criatividade, proporcionam prazer, alegria e diversão. É um desafio também, pois eles têm que vencer a timidez, a inibição, coordenar movimentos com o ritmo proposto, criar e executar expressões corporais diferentes daquelas do cotidiano, perceber a beleza da dança e compreendê-la como uma forma de demonstração legítima de homens e mulheres. Isso tudo sempre deve estar aliado ao conhecimento das origens e do significado de cada dança (manifestação), para que a experiência de dançar possa ser ampliada incorporando componentes cognitivos que realizem os potenciais dos educandos para aprender a conhecer (Hassenpflug, 2004).

O teatro é também um trabalho coletivo e integrador de conhecimentos, desde o momento da escolha ou da criação do texto, passando pela produção do espetáculo, até a encenação final. Tem caráter integrador, pois favorece a aquisição de competências, habilidades e capacidades dos quatro pilares, potencializando o desenvolvimento humano. O teatro pode ser com atores, fantoches, sombras, mímicas, etc. O PEE aponta o teatro também como

espaço de reflexão, mas também de criação e de divertimento, é importante dar oportunidades para que todos participem de alguma forma.

A saúde não deve ser tratada como uma imagem complementar da doença, e sim, como construção permanente de cada indivíduo e da coletividade, que se expressa na luta pela ampliação do uso das potencialidades de cada pessoa e da sociedade, refletindo sua capacidade de defender a vida. No PEE é preciso colocar em prática uma educação para a saúde voltada para a obtenção de um estilo de vida saudável tanto pessoal quanto socialmente. Para que isso venha ocorrer de modo abrangente e para toda vida, o envolvimento da família do educando é indispensável, considerando a influencia que exerce na formação, na adoção e na manutenção de hábitos saudáveis. Isso inclui palestras, campanhas de saúde, oficinas de teatro, poesia e pintura, gincanas e jogos sobre o tema.

Como vimos discutindo sempre a interdisciplinaridade na proposta positiva do PEE ao longo desse capítulo, devemos tomar alguns certos cuidados para trabalhá-la de forma concreta e coerente.

A interdisciplinaridade é entendida como uma forma de interação entre as diversas disciplinas ou áreas de conhecimento na busca de uma compreensão mais global do objeto de estudo, evitando uma abordagem fragmentada que ocorre quando a contribuição das áreas para essa compreensão se dá de maneira isolada ou pela simples justaposição de conhecimentos.

As peculiaridades do PEE visam a busca pela interdisciplinaridade como um desafio diário de humildade, voltado a construção e reconstrução de novos saberes, a ressignificação de princípios e metodologias e à revisão de postura frente ao processo educativo. É preciso considerar o esporte nas relações que mantém com as questões políticas, econômicas, com as questões sociais ligadas ao consumo, às questões de gênero, de cidadania de saúde. É preciso que os educadores repensem seus papéis na relação com seus educandos, na construção de competências e saberes, que adotem posturas que favoreçam o diálogo, as trocas e rompam o isolamento e a fragmentação do fazer pedagógico e fortaleçam a coragem de ousar, se experimentar e de trabalhar

coletivamente, uma vez que trabalhar de forma interdisciplinar envolve não só integrar conteúdos, mas também pessoas.

Também é preciso possibilitar aos educandos agir e interagir para a construção de novas competências, à medida que crianças e jovens participem ativamente de um conjunto de atividades que indagam, pesquisam, coletam, organizam e interpretam dados, discutem e tiram conclusões.

A concretização da interdisciplinaridade deve favorecer o encontro, o diálogo e a participação de educandos e educadores no processo de reflexão e de decisão sobre o trabalho pedagógico. Assim sendo, o trabalho pedagógico se configura como um espaço fundamental para o aprimoramento da ação educativa, para o fortalecimento do grupo de educadores e para a construção de uma sólida cultura de trabalho interdisciplinar.

Abaixo apresentamos o quadro, segundo Educação pelo Esporte (2004:240), que resume as fases e atividades básicas para o bom andamento do Programa nos projetos parceiros:

1. DIAGNÓSTICO	2. ELABORAÇÃO DO PLANO DE AÇÃO	3. DESENVOLVIMENTO	4. AVALIAÇÃO	5. DIVULGAÇÃO
<p>EDUCADORES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificam uma situação problema e refletem sobre ela; - Discutem com seus pares e definem as linhas gerais do projeto e a contribuição de cada área; - Definem as competências a serem desenvolvidas; - Realizam pesquisa bibliográfica, lêem, estudam, selecionam sub-temas e materiais; - Registram as decisões; 	<p>EDUCADORES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Refletem, discutem, planejam as ações; - Organizam o plano de ação, apontando justificativas, objetivos, estratégias, responsabilidades, recursos, acompanhamento, avaliação, divulgação etc; - Coordenam a participação dos educandos. 	<p>EDUCADORES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Selecionam e fornecem materiais, assessoram, orientam, buscam informações; - Estimulam os educandos, despertam a vontade de aprender; - Propiciam a participação de todos; - Canalizam as energias de forma produtiva; - Esclarecem dúvidas; - Orientam a organização dos 	<p>EDUCADORES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cuidam que a avaliação esteja presente em todas as etapas do processo; - Coletam dados e elaboram síntese de dados avaliativos; - Analisam a síntese, confrontando os resultados com os 	<p>EDUCADORES</p> <ul style="list-style-type: none"> - Definem o público alvo da divulgação: pais, professores, colegas da escola etc; - Traçam estratégias de divulgação; - Elaboram matérias de divulgação para os

<p>- Promovem o envolvimento dos educandos e seus conhecimentos prévios;</p> <p>- Conciliam os interesses e motivações dos educandos com as necessidades de aprendizagem;</p> <p>- Apresentam o tema e orientam a problematização feita pelos educandos.</p> <p>EDUCANDOS</p> <p>- Participam da escolha do tema, argumentam e justificam a escolha;</p> <p>- Problematizam o tema, isto é, refletem sobre o que eles expõem o que já sabem e propõem subtemas ou questões a</p>	<p>EDUCANDOS</p> <p>- Participam do planejamento das ações.</p> <p>EDUCADORES E EDUCANDOS</p> <p>- Organizam as questões levantadas;</p> <p>- Levantam hipóteses;</p> <p>-Planejam como realizar as ações;</p> <p>- Definem como registrar as questões e dados</p>	<p>dados;</p> <p>- Asseguram o cumprimento do que foi combinado.</p> <p>EDUCANDOS</p> <p>- Realizam as tarefas previamente combinadas;</p> <p>- Revêem decisões;</p> <p>- Colocam novas questões;</p> <p>- Buscam novas alternativas</p> <p>- Apresentam suas anotações e conclusões.</p>	<p>objetivos propostos;</p> <p>- Elaboram relatórios;</p> <p>- Planejam a divulgação dos resultados.</p> <p>EDUCANDOS</p> <p>- Participam da avaliação;</p> <p>- Realizam auto-avaliação.</p>	<p>diferentes públicos;</p> <p>- Participam da divulgação.</p> <p>EDUCANDOS</p> <p>- Colaboram e participam das atividades de divulgação.</p> <p>EDUCAD</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

serem pesquisadas; - Participam do registro das decisões.	coletados; - Avaliam as ações desta fase.	<p>EDUCADORES E</p> <p>EDUCANDOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliam ações; - Discutem estratégias e realizações; - Agrupam dados; - Discutem as sínteses; - Realizam confronto das hipóteses com o resultado da pesquisa - Elaboram registros coletivos; - Apresentam os produtos finais. 	<p>ORES E</p> <p>EDUCANDOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - Avaliam os resultados
------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Existem algumas rotinas diárias que devem ser contempladas no PEE, a roda que tem um caráter de assembléia, onde todos falam e onde todos são ouvidos. É um espaço coletivo, um ponto de encontro de educandos e educadores. Ali se sentam todos para identificar quem está presente e quem faltou; para conversar sobre muitas coisas, para dar notícias sobre os acontecimentos na família, no Projeto ou na comunidade; para comentar fatos de interesse; para resolver divergências, fazer perguntas e esclarecer dúvidas; para encontrar soluções aos problemas cotidianos. A roda tem a grande vantagem de igualar as pessoas, pois nela não há hierarquia, existem pessoas que dialogam, que trocam idéias, partilham sentimentos e aprendem uns com os outros. Na roda todos têm garantido o direito de se manifestar livremente. Assim, a roda propicia o exercício de diversas competências relacionais como ouvir o outro com respeito e atenção, aguardar a vez de falar, comunicar suas idéias, respeitar opiniões diferentes, argumentar, contra-argumentar etc. A roda também possibilita o desenvolvimento de uma atitude de escuta e de respeito e a prática do diálogo como uma forma de tomar decisões, de aceitar diferenças e resolver conflitos. Essa prática contribui para o desenvolvimento da identidade individual e grupal e do sentimento de pertencimento que, por sua vez, aumenta a confiança e fortalece o grupo.

A etapa seguinte é organizar a pauta diária que vai ser desenvolvida com base na grade de atividades adotada pelo Projeto: discutem então o que vai ser feito, com base na proposta trazida pelo educador, qual a seqüência de atividades para os vários grupos, qual o tempo a ser empregado em cada tarefa etc. É importante que o educador traga uma proposta de atividades que será apresentada, discutida e modificada pelos alunos. Ou seja, há um espaço destinado para a negociação. Ao discutir a pauta aprendem a administrar o tempo e o espaço e a adequar o que se pretende fazer com o tempo e espaço disponíveis, uma aprendizagem muito importante para a vida e especialmente no mundo do trabalho. Na apresentação da pauta e de cada atividade o educador tem que ter a competência de estimular o interesse do educando, a vontade de participar. Alguns cuidados colaboram para interessar o educando na atividade proposta: apresentá-la com entusiasmo, falar claramente sobre o que se pretende com ela, o que ela pode propiciar e, além disso, saber que conhecimentos eles já tem sobre aquela atividade.

Ou seja, partir do que o aluno já sabe, permite estabelecer uma ponte do educando com o novo e esta ponte lhe dá maior segurança, pois ele acaba percebendo que já detém algum conhecimento. Além do mais, o educando se sente valorizado por poder trazer sua experiência e sentir que ela é considerada por quem está ensinando.

Os combinados são o estabelecimento de normas de trabalho e de convivência, quem têm por objetivo conscientizar crianças e os jovens para perceber que a organização contribui para um melhor aproveitamento do tempo, das energias e dos recursos de que dispomos. Assim, os combinados se referem ao uso do tempo, do espaço, dos materiais e das atitudes facilitadoras da interação entre as pessoas. É preciso cuidar para que este momento não se prolongue muito, nem se torne cansativo. Assim, selecionar poucos combinados, mas ficar atento a eles.

Aprender a lidar com o tempo é desenvolver habilidades que permitam administrá-lo de forma cada vez mais competente. Administrá-lo bem torna-se fundamental para viver de forma mais harmoniosa e equilibrada numa sociedade em que o tempo é muito valorizado (Time is Money), mas que parece se tornar cada vez escasso, já que a falta de tempo é queixa comum em nosso dia-a-dia.

Aprender a lidar com o espaço também significa ambientar-se, reconhecê-lo, tomar consciência de suas dimensões, de sua posição em relação a outros espaços, dos sons e cheiros que o caracterizam, da movimentação que lhes permite. Ao mesmo tempo em que estabelece limites para nossas ações, o espaço cria condições para um melhor desempenho ao facilitar a concentração e ao manter temporariamente fora do nosso alcance outras possibilidades de ação.

Nos espaços de convivência também estão as pessoas com as quais nos relacionamos. É a qualidade dos relacionamentos que estabelecemos conosco mesmos e com as demais pessoas que dá sentido e significado as nossas ações. Por isso, temos de identificar as barreiras que dificultam os relacionamentos e criar estratégias para a sua superação. Melhorar os relacionamentos e cuidar das palavras que dizemos e dos sentimentos que expressamos podem ser alcançados por meio de um trabalho coletivo de reflexão e de construção envolvendo educandos e educadores na definição de um pacto de convivência que envolva todos com o

compromisso de desenvolver comportamentos que tornem a convivência mais respeitosa e sadia (Hassenpflug, 2004).

Ao final do dia, a roda ou assembléia volta a se encontrar para avaliar o que foi feito, os resultados obtidos, os momentos mais felizes, as dificuldades encontradas, as sugestões de mudança etc. Também são estimuladas as auto-avaliações em relação à participação de cada um e com respeito aos combinados. A comparação entre o que foi planejado e o que foi executado é que vai ensinar os educandos a adequar progressivamente suas capacidades de realização e adequação ao tempo e espaço disponíveis, permitindo refletir sobre o que foi feito e colher dados que orientem sobre eventuais alterações para melhorar o desempenho pessoal e do grupo.

Os registros são organizados com a finalidade de preservar a memória individual e a do grupo, documentar sua trajetória e servir de referência para a definição de novos rumos para a ação. Tanto educadores como educandos realizam seus registros. Elaborar registros permite que as pessoas se reconheçam como protagonistas da sua própria história e da do grupo, capazes de construir, criar e recriar novas realidades. Os registros podem ser escritos desenhados, cantados, esculpidos, dançados, falados, mas sempre apóiam o processo de auto-conhecimento (aprender a ser), a construção de novos saberes (aprender a conhecer) e a organização do trabalho (aprender a fazer), dentre outras competências.

Para facilitar o processo de ensino e aprendizagem e de desenvolvimento, o PEE recomenda que o educador, de acordo com Programa Educação pelo Esporte (2004:274):

- Relacionar-se com os educandos não como “o professor que deve ensinar”, mas como uma pessoa por inteiro, que tem experiências, não apenas intelecto e conhecimentos, mas também valores pessoais, habilidades e sentimentos; assim como é preciso ver o educando como uma pessoa completa, a criança também precisa ter a mesma referência de seu educador; por isso, demonstre seu afeto e sua alegria e, do mesmo modo sincero e franco, manifestar o seu

desagrado ou tristeza; cuidar dos conhecimentos que transmite, mas também dos gestos por meios dos quais expressa e das emoções que permeiam as interações com os educandos; lembrar de que pequenos gestos podem ter o efeito de muitas palavras;

- Criar espaços na rotina diária para ouvir os educandos: seus interesses, medos, inseguranças;
- Ser próximo e afetivo, dar atenção e demonstrar apreço pelos educandos, tanto nas situações de acerto como nas de erro;
- Pedir a contribuição do educando exatamente naquilo em que ele pode se sair melhor e valorizar o resultado; ao mesmo tempo, aceitar suas contribuições espontâneas sem julgar ou criticar antecipadamente;
- Apoiar o educando nas tarefas mais complexas até que ele possa realizá-las com autonomia; se perceber nele qualquer dificuldade envolvê-lo em atividades que tenham maiores possibilidades de sair bem e perceber seus progressos;
- Estar atento ao medo do fracasso, pois é o sentimento de incapacidade que gera mais auto-imagem negativa do que os erros cometidos;
- Registrar os avanços e fornecer informações sobre seu desempenho;
- Trabalhar para despertar nos educandos o desejo de aprender, dar sentido e significado a cada aprendizagem;
- Considerar o conhecimento prévio das crianças e dos jovens;
- Trabalhar com problemas reais e produtos culturais reais;
- Provocar desequilíbrios cognitivos, propondo desafios que, ao serem enfrentados, propiciem avanços no desenvolvimento;
- Estimular a reflexão dos educandos sobre as próprias experiências para que se conscientizem do que aprenderam com elas;

- Ensinar a questionar, a estabelecer relações, a buscar causas, enfim, ensinar a pensar;
- Ajudar os educandos a perceber o erro como parte integrante do processo de aprendizagem e como mais uma oportunidade de aprender;
- Propiciar tanto oportunidades de trabalho coletivo orientado por objetivos comuns. Como de trabalho individual que estimule o surgimento de capacidades pessoais;
- Estimular e garantir a participação de todos na busca de soluções para problemas e na tomada de decisões;
- Ensinar os educandos a organizar-se no tempo e no espaço;
- Incentivar os educandos a experimentar, criar e recriar os jogos e brincadeiras, a discutir e propor regras e a compreender o seu valor;
- Levar sempre em consideração que a nutrição afetiva pode estimular o funcionamento da inteligência;
- Prestar atenção às emoções manifestadas diretamente por seus educandos e aprender a ler as emoções expressas indiretamente na forma de respirar, na postura, nos gestos, na entonação da voz;
- Manter um ambiente emocional propício à aprendizagem: minimizar o medo e a frustração e maximizar a alegria, o prazer e o riso;
- Buscar compreender os conflitos no contexto em que gerados e controlar suas emoções não se deixando dominar pelas emoções dos educandos;
- Respeitar verdadeiramente e não apenas recomendar o respeito;
- Estimular a fala e as diferentes formas de comunicação;
- Expor suas idéias de modo claro;
- Propiciar o diálogo com pessoas de diferentes idades, profissões e características;

- Promover entre os educando a aceitação de qualquer diferença, desenvolvendo o espírito de grupo, a cooperação e a solidariedade entre todos;
- Ensinar os educandos a escutar verdadeiramente o outro, a levar em conta outros pontos de vista, a fazer acordos e a empenhar a palavra e mantê-la;
- Ajudar os educandos a identificar e modificar comportamentos sociais inadequados;
- Desencorajar manifestações que gerem sentimentos de humilhação e vergonha;
- Trabalhar com valores baseados na ética, na justiça e na paz, mostrar sempre a importância desses conceitos;
- Conhecer as características e desafios de desenvolvimento de seus educandos em cada faixa etária;
- Chamar os educandos pelo nome; é sinal de valorização e de respeito, e, além disso, ajuda-os a firmar a sua identidade;
- Valorizar cada conquista, por menor que seja, elogiar e educando perante seu grupo e a sua família e explicitar claramente os motivos.

Educar novas gerações é um processo contínuo que pode ser potencializado por meio da ação sinérgica entre educadores, escolares, familiares e no fortalecimento das relações sociais, trazendo reflexos positivos para a formação das crianças e dos jovens visando à obtenção de índices mais elevados de aproveitamento escolar.

A inclusão de pais e o envolvimento da comunidade exercem um impacto positivo sobre o rendimento escolar dos alunos.

Na prática, isso representa o envolvimento dos educadores, dos profissionais não docentes, dos pais, alunos e comunidade nos processos de decisão e avaliação da organização educativa. Oferecer a oportunidade de aprender a participar e

permitir que eles exerçam o direito de contribuir com as transformações sociais que necessitam ser implementadas.

Mas não basta colocar as pessoas juntas em um mesmo ambiente para que se forme um grupo de trabalho; para que um grupo se constitua como tal, cresça e se desenvolva, é preciso adotar objetivos comuns, criar um ambiente franco, sincero e formar laços de confiança e apoio para que as pessoas se sintam encorajadas a vencer as barreiras e a se abrir para novas aprendizagens, sem medo de rejeição.

A coordenação dos grupos de trabalho tem bastante contribuição na criação desse clima propício a aprendizagens: valorizar as contribuições, apontar os avanços, estimular a participação, a expressão de sentimentos, enfim facilitar a comunicação e a criação de laços de afeto e acolhimento.

Planejar as ações faz parte do cotidiano dos projetos parceiros. O processo de planejamento se desdobra em reuniões periódicas e sistemáticas, cujas decisões devem ser registradas nos planos de trabalho. A realização de reuniões para planejamento anual e elaboração de respectivo plano de ação deve ser sistematizada; as reuniões por área, voltadas para a especificidade de cada uma e sua contribuição ao plano de ação geral também devem acontecer com frequência sistemática; reuniões mensais para desdobramento da ação naquele mês, acompanhamento e formação continuada dos educadores; reuniões para grupos específicos, de acordo com alguma necessidade especial. E a partir dos subsídios e discussões mais gerais, os educadores desenvolvem o plano semanal ou diário para suas turmas, bem como o registro.

É importante que cada segmento tenha uma clara noção do projeto como um todo, e, além disso, onde e quando contribuir, e com que grau de autonomia. Um bom planejamento deve conter: avaliação do ano anterior; análise do contexto social; refletir sobre o público-alvo; retomar os princípios e diretrizes de trabalho; elaborar o plano de trabalho; organizar o cotidiano; critérios para matrícula; e integrar os novos educandos.

Cada projeto tem liberdade para sua formar sua equipe de acordo com as atividades desenvolvidas, com o número de áreas ou núcleos oferecidos e peculiaridades.

A coordenação, entre outras competências, cabe a gestão de recursos humanos e financeiros, a organização administrativa e pedagógica.

Na equipe o coordenador geral é peça-chave, pois deve evitar a fragmentação da proposta em ações ou eventos isolados e desconectados do plano de ação. Uma de suas tarefas primordiais é criar mecanismos para que todos tenham uma visão comum das finalidades dos trabalhos, a quem destina e quais mudanças deve operar.

O trabalho do coordenador ultrapassa os limites das funções até agora citadas, pois ele responde pelo projeto junto às famílias, escolas, aos parceiros, órgãos governamentais, outras instituições e claro, à universidade, sendo assim um importante papel político, que é de defender as causas da infância e da juventude nos demais âmbitos aos quais tiver acesso, além de disseminar o PEE para o desenvolvimento humano, divulgar seus resultados e metodologias, articular parcerias.

É o coordenador que garante, na universidade, a interlocução com as diversas áreas do PEE, motivando diferentes profissionais a agregar suas contribuições ao projeto.

As pessoas são o maior patrimônio de qualquer organização, independentemente da atividade que desenvolvam. Por isso, muitos autores sustentam que o primeiro público a ser considerado por uma organização é a própria equipe. Sendo assim é preciso fazer uma boa seleção dos recursos humanos; ter uma formação continuada da equipe com renovação constante e conseqüente integração dos novos educandos.

Na relação com a família, com a escola e com a comunidade temos a família como primeiro espaço de referência, proteção e socialização da criança e, portanto, do aprendizado de regras de convivência; além disso, é a célula básica do tecido social. À escola cabe dar continuidade e complementar a educação recebida nos lares e na vida social, transmitindo a herança cultural da humanidade de forma crítica e construtiva, formando cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na vida econômica, política e social do país.

Formar e estreitar vínculos com a família é fundamental para o êxito de qualquer proposta de educação integral; a reunião de pais é um momento que deve ser bastante valorizado pelos educadores devido às oportunidades que oferece, para estreitar os laços com as famílias. Essas reuniões devem ser organizadas para comunicar os avanços dos educandos, os quais devemos valorizar especialmente com seus pontos positivos no sentido de favorecer a auto-estima não só das crianças e jovens, como também das suas famílias.

Já na escola, a vida escolar dos educandos, e em especial, o desenvolvimento cognitivo e pessoal devem ser o centro de interesse entre a parceria PEE - escola. O acompanhamento da trajetória escolar e todo o esforço de aproximação tem um único destinatário: o educando. Além desses benefícios para o educando, a parceria com a escola ainda serve para divulgação da metodologia do Programa.

Também devemos envolver a comunidade na promoção e na defesa das causas da infância e da juventude, discutindo e disseminando idéias e propostas que possam ser encampadas pelos diversos segmentos sociais, no sentido de contribuir para a construção de uma sociedade justa e solidária.

Desde a fundação do Programa Educação pelo Esporte, o Instituto Ayrton Senna investe na criação de metodologias de avaliação que possam ajudar os projetos parceiros a conhecer o quanto seus trabalhos são efetivos para o desenvolvimento das novas gerações, e permitem, ao mesmo tempo, encontrar alternativas para aperfeiçoá-las.

2.4 PROJETO GRALHA AZUL – PGA 2007.

1. INTRODUÇÃO

O PROJETO GRALHA AZUL (PGA), há quatro anos vem atendendo aos jovens em situação de risco social, com uma nova filosofia político-pedagógico de ação, com objetivos de melhorar a atenção proporcionada aos participantes do PGA,

entende que a Educação pelo Esporte deve coadunar com as ações pedagógicas de formação do cidadão para que o mesmo possa integrar a sociedade civil como membro atuante. Estes adolescentes recebem formação extra classe com base nas novas tecnologias sociais. Norteia-se nas tecnologias sociais desenvolvidas pelo Instituto Ayrton Senna (IAS) e com fundamentos nos pilares da UNESCO. Atende aos direitos fundamentais, previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente.

As ações sócio-educativas, sócio-esportivas, sócio-culturais e de lazer objetivam alcançar o pleno desenvolvimento pessoal e social destes cidadãos, alicerçando com conteúdos sócio-pedagógicos visando auxiliar na formação integral e na preparação para a cidadania e qualificação para o trabalho, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases.

O PGA realiza seu planejamento anual com base nestas premissas apoiando-se também nas tecnologias sociais desenvolvidas pelo IAS, com suporte da UNESCO e pretende desenvolver as competências pessoais, sociais, cognitivas e produtivas pressupondo como prioridade primordial a formação da identidade pessoal e cultural, intimamente relacionadas à formação da auto-estima positiva, o que significa aprender a solucionar as diferentes manifestações de conflitos.

A concepção da Educação pelo Esporte é a base e o ponto de partida para o planejamento e as ações do Projeto Gralha Azul. Concebendo o esporte como propulsor das ações educacionais e usando-o como mola geradora dos demais conteúdos, foram definidos temas centrais e assim todas as áreas de atuação ora presentes na estrutura do Projeto passaram a incorporar as concepções de educação pelo esporte preconizada pelo IAS, integrando suas atividades e trabalhando dentro da inter e da transdisciplinaridade.

2. JUSTIFICATIVA

A Universidade Federal do Paraná é a mais antiga universidade do Brasil, e buscando cumprir seu papel junto à sociedade, ciente da sua co-responsabilidade nas transformações exigidas em nome da equidade social, possibilita através da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC), a realização do PROJETO GRALHA AZUL que desenvolve atividades no CED e no DEF, dentro do Programa de Educação pelo Esporte (PEE) do IAS. O PGA, valorizando o conhecimento do

homem, da cultura e da sociedade, assim como a interligação coerente entre o esporte e a cidadania, busca através do conjunto de competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas, estruturadas pelos pilares da educação preconizados pela UNESCO, proporcionar aos participantes do PGA um conjunto de experiências de aprendizagem, tendo como eixo norteador o esporte, organizado em nível de complexidade e respeitando a história, as potencialidades, as competências e os desafios de cada criança e adolescente atendido pelo PGA.

3. OBJETIVOS

3.1. OBJETIVO GERAL

Assegurar a inter e a transdisciplinariedade dos conteúdos que contribuam para a formação integral das crianças e adolescentes participantes do PGA, através do Programa de Educação pelo Esporte, em um diálogo coerente entre as áreas pedagógicas, de saúde, de comunicação, e as diversas manifestações do esporte, com o objetivo de preparar os participantes para os desafios sociais que enfrentarão e capacitá-los a viver num país mais justo, ético, democrático e cooperativo.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Atribuir responsabilidades específicas aos diversos setores que integram o Projeto, dividindo as tarefas entre a Universidade, IAS, comunidade, escola e família.
- Planejar e executar as ações do Projeto Gralha Azul de forma que fiquem evidentes suas relações com os Pilares da Educação preconizados pela UNESCO: aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a conviver e com as competências pessoais, sociais, produtivas e cognitivas dos educandos.
- Programar atividades interdisciplinares que possibilitem todas as áreas envolvidas no Projeto desenvolverem conteúdos dentro dos Temas Geradores.

- Executar o planejamento de forma que as atividades tenham caráter integrativo e possibilitar que, através da Educação pelo Esporte, o participante pratique a justiça, responsabilidade pessoal, tolerância, liberdade de expressão, empatia e comportamento ético.
- Oportunizar aos diversos cursos da UFPR a atuação junto aos programas do PGA, de forma que os estagiários possam vivenciar situações reais de aprendizado e, em contrapartida, tragam novas tecnologias de ensino e abordagens.
- Sistematizar e disseminar o patrimônio de idéias e práticas do PEE, gerando novas iniciativas e incorporando as iniciativas anteriormente implantadas e que tiveram êxito.
- Reforçar através da leitura, escrita, expressão oral e corporal, e das diversas manifestações da arte, as questões relacionadas ao gênero, sexualidade, doping, olimpismo, educação ambiental, hábitos saudáveis (higiene e saúde), cultura da paz e todos os valores humanos envolvidos no processo.

4. CIRCUITO PEDAGÓGICO PARA O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO PELO ESPORTE

1. Participar do planejamento integrado das atividades, contribuindo com as reflexões e ações para seu êxito;
2. Articular a condução das ações de forma a integrar os conhecimentos, habilidades e competências produzidas em cada atividade;
3. Alinhar teoria e prática pela possibilidade da capacitação permanente dos atores sociais responsáveis pelas atividades junto às crianças e adolescente;
4. Manter um relacionamento constante e harmonioso com as escolas conveniadas, de tal forma a estabelecer o acompanhamento da aprendizagem de cada criança e adolescente, bem como suas demais competências expressas no convívio social;

5. Implementar estratégias de comunicação e atendimento das famílias e comunidade relativas às suas necessidades em relação ao atendimento adequado das crianças e adolescentes;
6. Efetivar encontros de estudos, pesquisas e avaliação com vistas ao aperfeiçoamento do processo de desenvolvimento das habilidades e competências pessoais, cognitivas, sociais e produtivas;
7. Buscar parcerias como forma de complementar e abrir possibilidades de ampliação do universo de aprendizagens e desenvolvimento de potenciais;
8. Sistematizar os aprendizados em tecnologias sociais, produzindo materiais pedagógicos que possam ser socializados;
9. Participar de eventos de caráter técnico-científico, no âmbito municipal, estadual, nacional e internacional, divulgando o paradigma da Educação pelo Esporte à partir das experiências construídas pelo PGA;
10. Contribuir, por meio da Educação pelo Esporte, para o desenvolvimento humano de crianças e adolescentes bem como a formação de valores humanos e a cultura da paz em suas comunidades.

4.1. Atividades a serem trabalhadas no circuito da Educação e Saúde:

1. Reuniões de estudos, pesquisas e planejamento específicos da área e de sua integração interdisciplinar;
2. Oficinas do saber junto às crianças
3. Capacitação permanente com os educadores (coordenadores, educadores, voluntários e estagiários) com encontros mensais;
4. Visitas mensais às escolas conveniadas para acompanhamento da aprendizagem;

5. Palestras, encontros e oficinas bimensais com as famílias e comunidades;
6. Reuniões com a equipe executora do projeto para encaminhamentos;
7. Participação no planejamento, execução e avaliação dos projetos integrados;
8. Colaboração na organização dos relatórios;
9. Representação do PGA sempre que necessário;
10. Difundir a Educação pelo Esporte como paradigma do desenvolvimento humano.

5. NUMERO E FAIXA ETÁRIA DOS ALUNOS ATENDIDOS: FAIXAS ETÁRIAS DOS ATENDIDOS

Crianças e Jovens	Número
Com menos de 7 anos	00
De 9 a 12 anos	50
De 13 e 14 anos	100
De 15 a 17 anos	50
TOTAL	200

6. DISTRIBUIÇÃO DOS EDUCANDOS POR TEMPO DE PERMANÊNCIA NO PROJETO

ANOS DE PERMANÊNCIA NO PROJETO							
- 1 ano	1 ano	2anos	3 anos	4 anos	5 anos	+5 anos	Total
50	30	20	20	30	-	-	150

7. RECURSOS HUMANOS

QUADRO 7.1. FORMAÇÃO DA EQUIPE.

Recursos Humanos	No.
Coordenador Geral	01
Coordenador Pedagógico	01
Coordenadores de Área	02
Bolsistas UFPR	07
Bolsistas IAS – 20 horas	05
12 horas	10
Professores voluntários	04
Alunos voluntários	10

QUADRO 7.2. EQUIPE DE COORDENAÇÃO E CARGA HORÁRIA SEMANAL

NOME	AREA	H/SE M
1. Sérgio Luiz Carlos dos Santos	Coordenação Geral	20
2. Danielle Kristine de Menezes	Pedagógica	20
3. Saulo Willig	Capacitação e Esportes	20
4. Letícia Lau	Administração	20

8. ORGANIZAÇÃO E FUNCIONAMENTO

NÚCLEOS DE ATENDIMENTO E HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO (QUADRO 8.1).

- Centro de Educação Física (CED) (Quadras, pista, campos, salas de atividades e aulas, piscinas)
- Departamento de Educação Física (DEF) (Quadras, área de Lutas)
- Laboratório de Informática do PGA

GRADE SEMANAL DE ATIVIDADES POR NÚMERO DE HORAS (QUADRO 8.2.).

Áreas	No. Aulas/sem	Duração da aula
Esporte	36	50'
Reforço Escolar	02	50'
Saúde (Hábitos saudáveis)	02	50'
Saúde (sexualidade)	02	50'

Total de 42 horas por turma:

36 h. Educação pelo Esporte.

2 h. Reforço Escolar.

4 h. Saúde

9. PLANO DE TRABALHO

O Plano de Trabalho MARÇO/2007 a FEVEREIRO/2008 foi elaborado a partir dos TEMAS GERADORES, definidos como conceitos gerais que deverão nortear as ações de todas as áreas envolvidas no Projeto. Como primeiro Tema Gerador foi definido “AYRTON SENNA”. Com o intuito de colocar o jovem de frente com a história da carreira do maior herói deste país patrono do PGA, decidiu-se que

manteremos um Tema Gerador com base na construção da história do **Ayrton Senna** para que os participantes do PGA conheçam sua história e a partir daí possam construir suas identidades pessoais interagindo com suas famílias, com a comunidade, com suas escolas, etc.

9.1 ATIVIDADES PREVISTAS PARA O PERÍODO DE MARÇO/2007 A FEVEREIRO DE 2008.

MARÇO: Tema Gerador - Ayrton Senna e Instituto Ayrton Senna

OBJETIVOS

- Conscientizar os participantes do PGA sobre o maior herói nacional e sua cruzada em Pró das crianças e adolescentes em situação de risco social.
- Elucidar aos participantes do PGA que o idealismo sobrepuja a morte física e permanece através das ações do IAS.

ESTRATÉGIAS

- Utilização de conteúdos pedagógicos com recursos áudio visuais sobre:
- O esporte de Ayrton Senna.
- O atleta.
- Princípios e valores do esporte e do atleta Ayrton Senna.
- O automobilismo, sua origem, regras.
- Utilização de Recursos Áudio Visuais sobre o IAS.
- Palestra da presidente do IAS senhora Viviane Senna aberta à comunidade interna e externa da UFPR.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- Pista de atletismo
- Campos de futebol
- Laboratório de Informática
- Autódromo de Curitiba
- Teatro da Reitoria

PERÍODO

De 05 de 03 a 31 março

ÁREA

Todas As Coordenações.

ABRIL: Tema Gerador - Infância x Adolescência

OBJETIVOS

- Conhecer o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
- Disseminar todos têm Direito a Educação, Esporte e Lazer.
- Entender a importância do esporte para a construção de princípios e valores.
- Aprender artigos específicos do ECA (Direito ao Esporte e ao Lazer).
- Entender porque o esporte é fundamental na infância e na adolescência.
- Saber o que significa Olimpismo.

- Entender a importância do “Fair Play”.
- Pesquisar sobre a estrutura do esporte na comunidade.
- Conhecer os direitos e deveres de cada cidadão.
- Entender o que o esporte significa em suas vidas.

ESTRATÉGIAS

- Gravação em vídeo.
- Pannel.
- Encarte.
- Vivência.
- Jogos cooperativos.
- Produção de texto.
- Modificação de jogos.
- Artigo específico.
- Construção de princípios e valores.
- Importância do esporte para os adolescentes.
- Movimento da Solidariedade Olímpica.
- Palestra com a Doutora Zilda Arns – Pastoral da Criança.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED.

- Centro de Treinamento de Ginástica Artística.
- Teatro da Reitoria.

PERÍODO

De 02 a 30 abril.

ÁREA

Todas as Coordenações.

MAIO: Tema Gerador - Esporte e Brasil.

OBJETIVOS

- Conhecer os esportes olímpicos que participam dos Jogos Pan-americanos.
- Conhecer os principais atletas olímpicos brasileiros.
- Aprender a correlação dos valores (garra, superação, companheirismo, honestidade) com o esporte.
- Conhecer quais são os esportes coletivos.
- Vivenciar o valor advindo do esporte coletivo (trabalho em equipe – aprender a conviver).
- Conhecer quais são os esportes Individuais.
- Vivenciar os valores advindos dos esportes individuais (respeito às regras, superação de limites pessoais – aprender a conhecer).
- Participar no Campeonato Brasileiro de Cadetes – Goiânia.
- Comemorar o dia das Mães.

ESTRATÉGIAS

- Experimentação das modalidades
- Visita ao Centro de Treinamento de Ginástica Artística..
- Vivências.
- Pôsteres.
- Painéis.
- Gincanas.
- Palestra com a professora mestre Letícia Godoy, da UFPR sobre o tema.
- Palestra com atletas Olímpicos de Esporte individual.
- Assistir a campeonatos de modalidades individuais.
- Redação sobre os valores encontrados na prática do esporte individual.
- Mesa redonda sobre valores.
- Usar o ônibus do PGA.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- Piscinas
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED.
- Centro de Treinamento de Ginástica Artística.

PERÍODO

De 03 a 29 maio.

ÁREA

Todas as Coordenações.

JUNHO: Tema Gerador – Jogos Pan-americanos

OBJETIVOS

- Conhecer a história dos Jogos Pan-americanos.
- Saber quando foi a primeira participação do Brasil.
- Os Jogos Pan-americanos do Brasil.
- Entender Esporte Espetáculo no processo da Cidadania.
- Conhecer os atletas brasileiros que participarão dos Jogos.
- Conhecer os atletas paranaenses que participarão dos Jogos.
- Conhecer os atletas curitibanos que participarão dos Jogos.
- Entender a importância dos Jogos no contexto social.
- Participar do Campeonato Brasileiro de Cadetes –Goiânia.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisas na Internet.
- Visita ao Centro de Treinamento de Ginástica Artística.
- Entrevistar a atleta Daiane dos Santos, campeã mundial de GA.
- Analisar a importância da ginástica na vida da cidadã Daiane.

- Vivências.
- Pôsteres.
- Painéis.
- Gincanas.
- Mesa redonda sobre a importância dos Jogos para os cidadãos.
- Realização de “Mini Jogos Pan-americanos” no PGA.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED.
- Centro de Treinamento de Ginástica Artística.

PERÍODO

De 01 a 30 junho.

ÁREA

Todas as Coordenações.

JULHO: Tema Gerador – Jogos Pan-americanos, ERESPE.

OBJETIVOS

- Assistir os Jogos Pan-americanos.

- Elaborar quadro de medalhas do Brasil (Painel).
- Acompanhar a participação dos atletas paranaenses e curitibanos.
- Discutir a carreira destes atletas e sua inclusão social pelo esporte.
- Pesquisar quanto atletas conseguiram ascensão social pelo esporte.
- Participar do ERESPE em Londrina.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisas na Internet.
- Vivências.
- Pôsteres.
- Painéis.
- Mesa redonda sobre o esporte e sociologia.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED.

PERÍODO

De 01 a 20 julho.

ÁREA

Todas as Coordenações.

AGOSTO: Tema Gerador - Esporte, Escola e Família.

OBJETIVOS

- Rever os conceitos de família, escola e esporte na sociedade atual.
- Resgatar os jogos familiares.
- Discutir os valores do esporte na família e na escola.
- Conhecer o papel do esporte na família.
- Entender o jogo e o seu papel na família historicamente.
- Entender a influência do esporte na família.
- Entender o esporte escolar no Brasil e em Curitiba.
- Caracterizar a participação familiar como fundamental no processo de construção de conhecimentos, através do esporte e sua ação para a formação cidadã.
- Entender o Programa Comunidade Escola e sua colaboração no desenvolvimento do esporte na família e na comunidade.
- Comemorar o dia dos pais.
- Participar do Campeonato Pan-americanos de Cadetes. Panamá.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisas na Internet.
- Leitura de textos.
- Discussão sobre os direitos e deveres do cidadão.
- Elaborar jogos familiares com a participação da família.
- Leitura de textos, confecção de redações e construção do álbum temático.

- Vivências entre participantes do projeto e suas famílias.
- Aulas sobre os valores da família na sociedade contemporânea.
- Jogos Familiares (Pais e Filhos).
- Vivências com as famílias.
- Construção de painéis.
- Integração entre o PGA e a comunidade através de vivências nas escolas.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Sala de informática
- Quadras
- Áreas livres do CED
- Reitoria

PERÍODO

01 a 31 de agosto.

ÁREA:

Todas as Coordenações.

SETEMBRO: Tema Gerador - Esporte e cidadania.

OBJETIVOS

- Participar de oficinas sobre o papel dos esportes na sociedade.

- Discutir as políticas públicas para os esportes.
- Contextualizar o esporte no meio social (“esportes de ricos e de pobres”).
- Analisar o esporte como fator de inclusão social.
- O que é cidadania?
- O papel do cidadão.
- Como exercer este papel.
- Direitos e deveres.
- Valores trabalhados.
- Estudar o PEE no desenvolvimento de educação de qualidade.
- Entender princípios de democracia através do esporte
- Discutir os preconceitos e racismo nos esportes.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisar na Internet.
- Pesquisar nas bibliotecas dos diversos departamentos da UFPR.
- Construção de instrumentos de pesquisa.
- Elaborar entrevistas.
- Visitar a Assembléia Legislativa e entrevistar deputados.
- Visitar a Câmara Municipal e entrevistar vereadores.
- Confecção de painéis.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras

- DEF
- Laboratório de Informática
- CED
- Assembleia Legislativa
- Câmara Municipal

PERÍODO

De 03 a 28 setembro.

ÁREA

Todas as Coordenações.

OUTUBRO: Tema Gerador – Criança e Esporte

OBJETIVOS

- Entender a importância dos esportes no desenvolvimento biológico, psicológico, cognitivo e motor.
- Entender o que é talento desportivo e sua importância.
- Analisar o esporte como fator educativo.
- Analisar o que é educação de qualidade pelo esporte.
- Pesquisar os espaços esportivos ofertados pelo município.
- Pesquisar sua adequação à criança e aos adolescentes.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisar na Internet.

- Construir documento sobre o resultado das pesquisas realizadas e encaminhar aos políticos responsáveis.
- Palestra com político responsável pelo esporte na cidade.
- Comemoração do dia da criança e do professor.
- Realizar exposição com o resultado das pesquisas.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED
- Assembléia Legislativa
- Câmara Municipal

PERÍODO

De 01 a 31 outubro.

ÁREA

Todas as Coordenações.

NOVEMBRO: Tema gerador – Festival de esportes do PGA.

OBJETIVOS

- Organizar festival esportivo do PGA (participação coletiva do PGA).

- Entender o que é talento desportivo e sua importância.
- Analisar o esporte como fator educativo.
- Analisar o que é educação de qualidade pelo esporte.
- Pesquisar os espaços esportivos ofertados pelo município.
- Pesquisar sua adequação à criança e aos adolescentes.
- Participar na Copa Brasil Internacional.
- Participar no II Campeonato Brasileiro Escolar.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisar na Internet.
- Organizar o festival com todos os participantes do PGA.
- Envolver escola e família na organização do festival PGA.
- Criar metodologia de contagem de pontos.
- Construir painel de acompanhamento do Festival.
- Realizar exposição de fotos do festival.
- Criar atividades culturais paralelas as esportivas.
- Realizar apresentação de dança, música dos participantes do PGA.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- Piscinas
- Área de Lutas
- Campos de Futebol
- Ginásios cobertos

- DEF
- Laboratório de Informática
- CED

PERÍODO

De 01 a 31 novembro.

ÁREA

Todas as Coordenações.

DEZEMBRO: Tema gerador - Avaliação Anual.

OBJETIVOS

- Entender como eu fui.
- Verificar como eu estou.
- Avaliar como eu quero ser.
- Saber onde mudei.
- Examinar se avançamos.
- Buscar o que queremos para o futuro.
- Elaborar discussão sobre as tradições Natalinas.
- Elaborar discussão sobre Natal Tropical.
- Organizar Festa de Natal tropical.

ESTRATÉGIAS

- Pesquisar na Internet.

- Elaborar informe com os dados da avaliação.
- Confecção de painéis com os dados.
- Dinâmica de grupo para entender a avaliação.
- Produção de textos.
- Avaliação formal.
- Ensaio para a apresentação de final de ano.

ESPAÇO

- Salas de aula
- Quadras
- DEF
- Laboratório de Informática
- CED.
- Teatro da Reitoria.
- Centro Comunitário.
- Salão de festas do Colégio.

PERÍODO

De 01 a 16 dezembro.

ÁREA

Todas as Coordenações.

JANEIRO: Tema gerador – Colônia de Férias e Acontonamento.

OBJETIVOS

- Recreação Dirigida.
- Atividades Ecológicas.
- Acantonamento no CED.

ESTRATÉGIAS

- Jogos Modificados.
- Dinâmica de grupo.
- Produção de textos.
- Dramatizações.

ESPAÇO

- Quadras
- CED
- Piscina

PERÍODO

De 28/01/07 a 01/02/08.

ÁREA

Todas as Coordenações.

FEVEREIRO: Tema gerador – Capacitação e Planejamento Anual.

OBJETIVOS

- Capacitação dos novos educadores.
- Reuniões de planejamento do PGA.

ESTRATÉGIAS

- Oficinas de Capacitação
- Planejamento Participativo para 2008.

ESPAÇO

Salas do PGA.

PERÍODO

De 25 a 29 de fevereiro de 2008.

ÁREA

Todas as Coordenações.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho será feito através de uma metodologia qualitativo-construtivista, que segundo Guba y Lincon (1995) significa interpretativo, naturalista, hermenêutica e o utilizam para designar uma ampla família de crenças, supostos e conceitos.

O enfoque metodológico a ser utilizado em nossa pesquisa será a compreensão do complexo mundo da experiência humana. Para melhor analisarmos este complexo mundo das ações sociais, utilizaremos o método do «Estudos de

Casos», observando a metodologia do Projeto Galha Azul, que acontece na Universidade Federal do Paraná e tem como coordenador geral o Professor Doutor Sérgio Luiz Carlos dos Santos. Segundo Andrés (1980:140), «el método del caso es esencialmente activo y, por lo tanto, aplicable en innumerables campos donde se trate de combinar eficientemente la teoría y la práctica. Es inaplicable donde sólo se intente la pura erudición o el mero tecnicismo».

A escolha desse projeto deu-se por eu fazer parte dele há 2 anos e por ele trabalhar com a metodologia que está em estudo, Programa Educação pelo Esporte.

A pesquisa será fundamentada na revisão de literatura sobre o Programa Educação pelo Esporte, desenvolvido pela aliança Instituto Ayrton Senna (IAS) e Audi, que se preocupa com crianças em risco social no seu contra turno escolar. A coleta de informações será realizada através das seguintes estratégias interativas: a observação participante e a análise de documentos, como classifica Guba, (1993). Ainda segundo Maykut e Morehouse (1994) as características da pesquisa construtivista – qualitativa tem 8 características principais:

1. O foco da pesquisa tem caráter exploratório e descritivo.
2. O desenho é emergente, se elabora sobre a informação recolhida.
3. A amostra é intencional, apóia-se em critérios internos, não pretende generalizar os resultados.
4. A recolhida de dados tem lugar em situações naturais, não controladas.
5. Enfatiza o papel do pesquisador como instrumento principal da pesquisa.
6. Os métodos de recolhida da informação são qualitativos, isto é, de natureza interativa.
7. A análise de dados é indutiva: categorias, padrões emergentes se constroem sobre a base de informação obtida.
8. O informe da pesquisa segue o modelo de estudos de caso.

Para obter êxito neste tipo de pesquisa, depender-se-á muito mais do pesquisador, de sua experiência, de seu conhecimento e destrezas pessoais para construir o conhecimento sobre os fenômenos sociais.

Glesne e Peshikin, (1992) ainda reforçam dizendo que os pesquisadores devem ser pessoas flexíveis, versáteis, persistentes, meticolosos na recolhida da informação e versados na teoria da ciência social.

Nosso caso de estudos será o PGA e sua metodologia, para tanto, analisaremos a metodologia implantada pelo IAS, ou seja, o Programa Educação Pelo Esporte (PEE), e como esta metodologia é desenvolvida no PGA. O PEE acontece nas universidades brasileiras e tem o esporte como fator para desenvolver os seus dons, o seu potencial como pessoas autônomas e confiantes, cidadãos solidários e empreendedores capazes, em ambiente estimulante, lúdico e motivador (Hassenpflug, 2004).

Nesse trabalho, nossa pesquisa será dividida em quatro capítulos, para que o leitor acompanhe com maior facilidade à problemática aferida.

O primeiro capítulo nos situará sobre a infância na cidade de Curitiba, uma vez que o PGA trabalha com crianças em risco social.

No próximo capítulo, chamado “Crianças em risco social” apresentaremos o conceito desse termo de acordo com alguns autores. “Infância em situação de risco social e pessoal, conceituação que se aplica a crianças e adolescentes abandonados, infratores ou desvalidos.” (Colombo, 2002, p.81)

O capítulo seguinte “Programa Educação pelo Esporte” oferecerá uma completa descrição do que vem sendo utilizado por várias universidades brasileiras, tendo o esporte em seu trabalho social.

Agora o último capítulo será destinado à análise do plano de trabalho de 2007, utilizado no PGA, elaborado pelo Professor Doutor Sérgio Luiz Carlos dos Santos em consonância com a equipe de coordenadores do PGA, para podermos discutir e elaborar uma nova proposta para o ano de 2008.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trataremos nesse capítulo os resultados e a discussão pertinentes a nossa pesquisa que nos remete ao que deve ser repensado no Projeto Gralha Azul que acontece na Universidade Federal do Paraná, para melhor atender a comunidade em risco social e pessoal do bairro do Cajuru. Esses pontos partem da experiência que tivemos no projeto como educadora, coordenadora pedagógica e agora como conhecedora da metodologia do Programa Educação pelo Esporte através de nossa pesquisa.

Segundo o IAS, (2004) cabe às universidades o papel de organizarem seus planos de trabalho de acordo com parâmetros conceituais, técnicos e gerenciais comuns a todos os projetos financiados pelo IAS. Cada um dos projetos tem liberdade de definir sua estrutura organizacional, de acordo com as características e necessidades locais, pois devem levar em consideração as diferenças culturais e regionais. Contudo os planos não podem deixar de ser fundamentados no paradigma do desenvolvimento humano (todas as pessoas nascem com um potencial e precisam de oportunidades para desenvolvê-lo), do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, e nos quatro pilares de desenvolvimento preconizados pela UNESCO (aprender a ser – conjunto de competências pessoais; aprender a conviver – competências relacionais; aprender a fazer – competências produtivas; aprender a conhecer – competências cognitivas) (Hassenpflug, 2004).

A realidade que encontramos hoje no PGA ainda não fortaleceu o vínculo com as escolas parceiras: Escola Municipal Coronel Durival Britto e Silva; Escola Municipal Prefeito Omar Sabbag; Escola Estadual Professor Nilo Brandão; Colégio Estadual Julio Mesquita, e Colégio Estadual Professora Maria Aguiar Teixeira, no sentido de intervir desde a seleção das crianças para participarem do Projeto. A escola coloca esta participação como um prêmio para os alunos. Somente aqueles que se destacam conseguem vaga para entrar no PGA. Detectamos a evasão dos participantes do PGA como um dos principais problemas a ser solucionado para o próximo ano, cremos que isto é causado pela metodologia de escolha citada. As crianças que são selecionadas não têm o devido interesse e não são as que mais precisariam do projeto. Uma nova proposta para o próximo ano, seria a equipe de

coordenação ir até as escolas parceiras e selecionar os alunos junto com a equipe pedagógica da escola, partindo das necessidades deles e assim fazer parte de um projeto interdisciplinar que irá ajudá-los na escola, na convivência familiar, e ainda melhor, pois irão participar do PGA no contra turno escolar, deixando de ficar expostos aos perigos das ruas. Após essa seleção realizar a reunião com os pais desses alunos explicando a nova metodologia desta escolha para participar do PGA, assim como explicar suas normas. Esse vínculo ESCOLA-FAMÍLIA-PGA nos ajudará a fortalecer o tripé previsto pelo PEE, e verificaremos se houve uma diminuição desta evasão. Assim teremos dados no PGA e na escola para futuramente elaborarmos um novo trabalho onde teríamos um maior contato com a família de nossos educandos.

A estrutura organizacional do atual Gralha Azul constitui-se das seguintes equipes de coordenação: Pedagógica, Educação Física e Esportes e Administrativa, que são constituídas por acadêmicos com experiência anterior no PGA. Estes acadêmicos devem estar cursando graduação em Educação Física (Licenciatura ou Bacharelado), acreditamos que isso seja bastante importante para que eles exerçam uma função administrativa, levando em consideração a experiência que esta função proporcionará para sua vida acadêmica e futuramente profissional. O lado ruim desta prática é que este gerenciamento acaba ficando limitado, pois os alunos não conseguem dedicar o tempo suficiente que a função demanda por ainda estarem cursando a universidade. Uma proposta com base nos dados verificados, seria eles ficarem como sub-coordenadores e termos um profissional para exercer cada coordenação, ampliando assim, com profundidade, os aspectos quantitativos e qualitativos necessários para a administração de um projeto com esta magnitude.

Atualmente, o projeto conta com estagiários, bolsistas e voluntários de Educação Física. As atividades interdisciplinares acontecem, porém no modelo atual ainda são todas mediadas por estudantes de educação física. Deveríamos estendê-lo para toda a universidade, pois cursos como Pedagogia, Psicologia, Nutrição, Letras, Música, Teatro, entre outros, iriam nos auxiliar muito em nosso trabalho com as crianças em situação de risco social. Essa extensão pode ser ainda maior com a adesão de outros cursos, tais como Medicina, Odontologia, Serviço Social, pois assim poderia ser proposta uma extensão de atendimento aos pais e familiares dos

participantes do PGA, consolidando o trinômio buscado pelo PEE (Família – PGA – Escola).

Não podemos esquecer a importância que esse «estágio» trará para a construção do currículo acadêmico e profissional dos estudantes. Entendemos como formação acadêmica, o desenvolvimento pragmático de capacidades e conhecimentos específicos, em suas diversas formas. Estas, contempladas por uma base humana, científica e interdisciplinar contextualizadas por uma clara visualização das estratégias sociais contemporâneas (Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1999). Tal formação deverá ser permanente e pautada em princípios éticos, com vistas à auto-realização e, especialmente, transformação social.

Outra forma de justificar a participação destes acadêmicos em projetos sociais de extensão universitária seria como forma de retribuição social ao investimento da verba pública utilizada em sua formação inicial. Algumas instituições privadas contemplam em sua grade curricular uma carga horária destinada a programas sociais. Conforme Bianchi Apud Palodetti (2002) cidadania constitui-se no «direito de ter direitos, na possibilidade de pertencimento e participação, patamar mínimo para a realização da condição humana nas suas dimensões social e política». O espaço entendido como um cenário sócio-educativo deve, pois, assumir o compromisso de construir também sujeitos de direitos, de sua história e da história da sociedade em que vivem como promotores de sujeitos reflexivos e críticos.

Palodetti (2002) nos brinda com a informação que desenvolvimento da autonomia moral, é como um processo que está associado à possibilidade da liberdade, enxergando os sujeitos historicamente, considerando seu processo existencial e social de construção de responsabilização ética e moral. Com isso, o acadêmico na função de educador assume um papel de facilitador co-responsável para o desenvolvimento progressivo de uma autonomia intelectual, afetiva e moral, interagindo com os sujeitos com o meio físico, social, histórico e cultural. Dessa forma, o educando, o educador e o grupo podem adquirir a consciência de que suas aprendizagens dependem de suas próprias ações, passando a dar sentido aos seus atos.

Nossa proposta para ampliar o PGA para todos os cursos e espaços da Universidade, será elaborar uma apresentação expondo o que é o Programa Educação pelo Esporte e como ele é trabalhado no PGA. No início do ano letivo apresentar para os alunos dos cursos acima citados, ressaltando a importância da participação em projeto social, como uma forma de retribuição à sociedade, do investimento com verba pública utilizado em sua formação inicial e assim tentarmos minimizar um pouco, este problema social.

No tripé Família-PGA-Escola, já obtivemos êxito nos anos de 2006 e 2007 com a aproximação com o Programa Comunidade Escola, implantado pela Prefeitura de Curitiba nas escolas municipais. Esse Programa valoriza as escolas municipais como centros de irradiação da vida da comunidade, visando a promoção de conhecimento e desenvolvimento da comunidade local. Ele abre as escolas para a comunidade e disponibiliza seus espaços como alternativa de atendimento às demandas sociais. Isto acontece nos finais de semana e durante alguns dias no meio da semana, possibilitando melhores oportunidades para alcançar o desenvolvimento de atividades sistemáticas e planejadas para crianças, adolescentes, jovens e idosos, nas áreas de esporte e lazer, saúde, educação e cidadania, cultura e empreendedorismo.

Nossa contribuição para com esse Programa foi levar atividades do nosso dia-a-dia para a escola parceira Coronel Durival Britto e Silva. Isso nos possibilitou um espaço para divulgação do PGA para toda a comunidade local, principalmente com os familiares de nossos educandos. Nosso objetivo agora é ampliar essa participação e torna-la efetiva durante todo o ano letivo de 2008, e também estendê-la para as outras escolas integrantes do PGA.

O PGA e todos os Projetos participantes do PEE têm o esporte entendido como fenômeno social, isto é, ele abrange dimensões que incluem desde os aspectos associados à prática desportiva propriamente dita, até os aspectos econômicos, culturais, políticos, educacionais que compõem a história do desenvolvimento das sociedades. Atualmente ele é trabalhado utilizando as figuras das escolinhas de diversos esportes, tais como: atletismo, basquetebol, futebol, luta olímpica, natação, e voleibol. As crianças passam por todas as modalidades durante

os quatro dias que vão ao projeto, e nos sábados aprendem a nadar e algumas técnicas de salvamento, conforme citado no plano de trabalho de 2007. A idéia para o próximo ano é de continuar com essas escolinhas, mas dividi-las por idade, para o aproveitamento ser melhor e efetivo da aprendizagem nas modalidades.

Durante as três horas diárias que as crianças passam no projeto, essas atividades esportivas devem ser contextualizadas, uma vez que a dimensão educativa do esporte pode ser entendida a partir da problematização da prática cultural esportiva, onde o conhecimento já construído socialmente é reinventado, recriado e reconstruído. E não apenas o esporte pelo esporte.

Os diferentes comportamentos ambientados no jogo desportivo são problematizados e tematizados em consonância com o tema gerador proposto pelo planejamento, sempre correlacionando com o jogo da vida, numa transferência intencional do comportamento esportivo para diferentes esferas sociais, através do diálogo criativo com as dúvidas e interrogações do nosso tempo. Deste modo, trabalhando com temas geradores, podemos ao escolher as temáticas para o planejamento direcionar para os valores propostos pelas diretrizes da UNESCO para o PEE.

Uma nova proposta a ser considerada será a ampliação de atendimento para faixas etárias menores, a partir dos 7 até os 17 anos, separadas já na seleção, na escola, determinando o número de educandos por faixa etária, para melhor trabalharmos nossas atividades.

A formação dos bolsistas, voluntários e estagiários deve ser permanente, isto implica que logo que forem selecionados, devem passar por um processo de qualificação proposto pelo IAS, com as diretrizes do PEE. Nós propomos, com base em nossa experiência e pesquisa realizada, que cada educador mais antigo e já qualificado adote o novo educador como se fosse seu padrinho. Este «padrinho», deverá acompanhá-lo durante o primeiro mês nas rotinas diárias do Projeto, intervindo quando necessário, para prepará-lo para atuar sozinho. Durante todo o ano, proponho que seja realizado bimestralmente, diversos cursos de capacitação, oficinas e seminários de formação, cujos temas devem ser indicados pelas coordenações.

O Projeto Gralha Azul também participa anualmente de um encontro de projetos sociais, da região Sul onde cada projeto leva uma oficina de acordo com o tema definido pela organização do Encontro Regional de Educação pelo Esporte – ERESPE, parcialmente financiado pelo IAS. Este ano o evento acontecerá em Curitiba e os coordenadores e educandos do PGA deverão propor a temática do ERESPE e regulamentar os trabalhos, normatizando as publicações em trabalhos científicos sobre o tema escolhido. É de extrema importância a participação de todos envolvidos no PGA, na elaboração desse congresso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história do Projeto Galha Azul apresenta dados qualitativos e quantitativos suficientes para afirmarmos que este Programa consolida-se a cada ano como uma nova opção de programa social destinado ao atendimento de crianças e adolescente em situação de risco social, e delineando-se como um novo espaço educativo não-escolar, rico em metodologias de socialização e de desenvolvimento dos compromissos sociais, no fomento da construção de novos saberes e em oportunidades de formação crítica tanto no âmbito das crianças e adolescentes participantes do PGA, como no domínio dos acadêmicos estagiários, bolsistas, voluntários e professores que dele participam.

Assim sendo o PGA, num esforço conjunto com UFPR, IAS, FAS, pretende continuar promovendo oportunidades de protagonismo às crianças, adolescentes e acadêmicos envolvidos no Programa. Nessa perspectiva, as ações do Projeto Galha Azul objetivam produzir mais impacto social no coletivo dos participantes (crianças e adolescentes), nos seus núcleos familiares, nas suas escolas e nas comunidades onde vivem, assim como na formação profissional dos acadêmicos participantes.

Nossa pesquisa nos deu condições de efetivarmos nossas propostas, cujos objetivos serão os de auxiliar na construção deste novo paradigma de mobilização social em prol de uma sociedade onde a distribuição de rendas, não seja somente paliativa com programas assistencialistas, que não pugnam a exclusão social de crianças ainda tratadas nos semáforos das grandes cidades como bandidos, fomentando preconceitos e deixando de buscar soluções humanistas para levar as crianças a escola e capacitar as famílias para o mundo do trabalho, diminuindo sua decomposição pela falta de recursos financeiros para sua manutenção, problema causador do abandono e do descaso com as crianças e adolescentes.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ayuste, A.; Flecha, R.; López Palma, F.; Lleras, J (2003) *Planteamientos de la pedagogía crítica – Comunicar y transformar*. Barcelona: Graó. 4ª Edición.
- Andrés, J. *Técnicas y prácticas de las relaciones humanas*. Bogotá: Instituto Latinoamericano de Pastoral de Juventud. IPLAJ. 1980
- Benevides, M (1994). «Cidadania e Democracia». En: *Lua Nova*. São Paulo: CEDEC.
- Bobbio, N (1996). *Igualdade e Liberdade*. São Paulo: Ediouro
- Castel, R (1996). «Les Marginaux das L'Histoire». En: Paugan, S (Org.) *L'Exclusion – l'État des Savoirs*. Paris: Édition la Découverte.
- COLOMBO, Irineu. *O adolescente infrator e o sistema de ensino paranaense: a trajetória da escola para menores* Queiroz Filho (1965-1992). Dissertação de mestrado. Curitiba: UFPR, 2002.
- Del Priori, M (1991). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- Demo, P (1995). *Cidadania tutelada e cidadania assistida*. Campinas: Autores Associados.
- Donzelot. J (1996). «Les Transformations de l'Intervention Sociale face à l'Exclusion». En Paugam, S (Org.) *L'Exclusion – L'État des Savoirs*. Paris: Édition la Découverte.
- Dos Santos, S.L.C (2002). «Educação y Ciudadanía – alternativas para la exclusión social». En *Enfoques en la investigación científica: Producción actual en las*

universidades de Barcelona. Barcelona: APEC.

Dos Santos, S.L.C (2004). « Política Públicas: Producción de conocimientos en las universidades públicas para la reducción y extinción de exclusión social». En *Pluriculturalismo y Globalización: Producción del conocimiento para la construcción de la ciudadanía en Latinoamérica*. Barcelona: APEC.

Dos Santos, S.L.C (2004). «Políticas Públicas: Redução e Extinção da Exclusão Social». Em *Experiências Inovadoras na Gestão Pública*. São Paulo: Editora do Partido dos Trabalhadores.

Dos Santos, S.L.C. (2005). *Propuesta de un modelo de Gestión universitaria para la atención a los niños y niñas en situación de riesgo social a través del deporte en la ciudad de Curitiba*. Barcelona: Tese Doutoral não publicada

Folha de São Paulo (2001). WWW.FOLHASP.COM.BR em 15/08/2007 – 13h30. *Morre Adhemar*.

Folha de São Paulo (2002). www.folhasp.com.br em 19/09/2007 – 14h45. *Terrorismo na Casa Branca*.

Folha de São Paulo (2002). *Programa Mexa-se São Paulo*. São Paulo: Victor Matsudo.

Folha de São Paulo (2003). www.folhasp.com.br em 19/07/2007 – 15h20. *Paraná tem 11% da população na miséria*.

Folha de São Paulo (2003). Participação da CIA americana na manutenção de governos totalitários. Marcelo Paiva.

Folha On Line (2002). Saiba quem é James Tobin, vencedor do Nobel de Economia

de 1981. São Paulo: Eduardo Suplicy.

Folha On Line (2003). www.folhasp.com.br em 22/10/2003 - 00h25. *Estudo aponta que 3 milhões de crianças trabalham no Brasil.*

Folha On Line (2003). www.folhasp.com.br em 23/10/2003 - 09h31. «Brasil tem 6 milhões de crianças vivendo em absoluta pobreza», diz UNICEF.

Folha On Line (2004). WWW.FOLHASP.COM.BR Em 14/05/2007 – 19h50. «Projeto cria cota em universidades federais».

Folha de São Paulo (2004). *Quarenta anos do golpe – cronologia*. São Paulo: Folha de São Paulo.

Gambini, R (1988). *O Espelho do índio – os jesuitas e a destruição da alma indígena*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.

Glesne, C.E. y Peshikin, A. *Becoming qualitative researcher. An introduction*. Nueva York: Longman. 1992.

Genoino, J (2002). Em WWW.PT.UOL.COM.BR/JORNALISMO. Em 06/04/2007, as 10h25.

Gomes, L (1995). *A sociedade dos socialistas vivos. Ensaio contra o neoliberalismo*. São Paulo: Anita.

Gregori, M.F (2000). *Viração – Experiências de Meninos nas ruas*. São Paulo: Companhia das Letras.

Guba, E.G. y Lincon, Y.S. *Fourth generation evaluation*. Newbury Park, CA: Sage. 1989.

Habermas, J (1998). *Facticidad y validez*. Madrid: Trotta.

Hassenpflug, Walderez Nosé. *Educação pelo Esporte: educação para o desenvolvimento humano pelo esporte*. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna. 2004.

Instituto Ayrton Senna. *Sua escola a 2000 por hora: educação para o desenvolvimento humano pela tecnologia digital*. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna. 2004.

Lenoir, R (1994). *Les Exclus*. Paris: Le Soeul.

Marcílio, M.L. (1998). *História social da criança abandonada*. São Paulo: Editora Hucitec.

Martínez Román, M.A (2003). «Aspectos generales: relaciones del Trabajo Social con el bienestar social. Estado del bienestar. Política Social. Servicios sociales. Diferenciación de conceptos». En García, T.F. y Bracho, C.A (coord.) *Introducción al trabajo social*. Madrid : Alianza Editorial.

Martins, C (1997). *Os mínimos sociais*. Rio de Janeiro: Oficina de Mínimos Sociais.

Marino, Eduardo. *Manual de avaliação de projetos sociais*. 2ed. São Paulo: Saraiva: Instituto Ayrton Senna. 2003.

Menezes, W (1998). *A representação social da gravidez na adolescência na visão adulta*. Recife: UFPE.

Miranda, M.I.F. y Ferriani, M. G. C (2001). *Políticas Públicas sociais para crianças e adolescentes*. Goiania: AB.

Montagut, T (2000). *Política Social*. Barcelona: Ariel.

Offe, C (1984). *Problemas estruturais do Estado Capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Palodetti, Janine. *Autonomia e Cidadania: possibilidades através dos Processos de Ensino e Aprendizagem*. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio Sinos, Centro de Ciências da Saúde, 2002.

Paugan, S (1996). *L'Exclusion – l'État des Savoirs*. Paris: Édition la Découverte.

Rosanvallon, P (1995). *La Nouvelle Question Sociale*. Paris: Le Seuil.

Serra y Aguiar Serra (2003). *Neoliberalismo, Políticas Governamentais e Exclusão Social no Brasil*. Curitiba: Editora da UFPR.

Schnapper, D (1996). «Intégration et exclusion dans les Sociétés Modernes» Em: Paugan, S (Org.). *L'Exclusion – l'État des Savoirs*. Paris: Édition la Découverte.

Silva, M.B (1981). «O problema dos expostos na Capitania de São Paulo». Em *Anais do Museu Paulista*, tomo XXX. São Paulo.

Sposati, A. et alli (1997). *Os mínimos Sociais e Seguridade Social. Uma revolução na consciência da cidadania*. Rio de Janeiro : ABONG.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos. *UNISINOS: missão e perspectivas: plano estratégico 1999-2004*. São Leopoldo: UNISINOS. 1999.

Unicef. *Situação da infância brasileira 2001*. Brasília: B&C. 2001.